

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Folheando o Anuário

<i>P. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.</i>	1
A Obra Pontifícia Primária das Vocações	
Religiósos - <i>Motu Próprio</i> - Estatutos - Normas	5
Carta a uma Superiora	
<i>P. Geraldo Fernandes C. M. F.</i>	9
Atualização dos Estudantados Teológicos	
<i>Frei Constantino Koser D. F. M.</i>	10
Comemorando um Centenário	
<i>Histórico da Congregação dos Santos Anjos</i>	21
O Maná da Nova Lei nas Comunidades Religiosas (Conclusão)	
<i>P. José de Oliveira Dias S. J.</i>	28
Estatutos da Conferência dos Religiosos do Brasil	36
Do Departamento de Catecismo	
<i>Madre Teresa de Cristo O. S. U.</i> , diretora	40
Departamento de Serviço e Assistência Social	
<i>Araci Cardoso</i> , diretora	44
Serviço de Procuratórios (Continuação)	
<i>Laercio Leopoldino</i>	49
Serviço de Novas Fundações	54
Comunicações diversas	56
Crônica dos Religiosos	59
Bibliografia	62

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Rua Faraní N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

EXPEDIENTE

Assinatura, para o Brasil: anual	Cr\$ 150,00
" " " semestral	Cr\$ 80,00
Número atrasado	Cr\$ 20,00
Número avulso	Cr\$ 15,00
Assinatura para o Exterior: anual	US\$ 8,00
" " " semestral	US\$ 5,00

A Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil é mensal, e sai no primeiro dia de cada mês.

Colaboração e correspondência: enviar para Rua Farani, 95 D. Federal

* * *

Órgão da Conferência, a Revista dos Religiosos do Brasil reflete a vida da organização de que é mensageira. Tudo o que interessa à vida religiosa, interessa também à nossa Revista. Dos estudos teóricos, à pesquisa, do exame de problemas à sua solução, até encaminhamento de novas fundações e novas obras, e informações de serviços úteis às comunidades religiosas. Seu objetivo é continuar o Congresso dos Religiosos do Brasil, de fevereiro de 1954, no duplo propósito de atualizar e organizar o apostolado dos religiosos.

* * *

Diretoria da Conferência dos Religiosos do Brasil (Elegita no Primeiro Congresso)

Presidente:	<i>Dom Martin Michler O. S. B.</i>
Secretário Geral:	<i>Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.</i>
Tesoureiro:	<i>Irmão João de Deus, Marista</i>
Conselheiros:	<i>Pe. João Bosco Rocha S. J. Frei Tarcísio Palazzolo O. F. M. Cap.</i>
Conselheiras:	<i>Madre Maria de Sta. Clara Counort O.S.U. Mudre Maria do Calvário M. J. Cr.</i>
Assessor nomeado para as Religiosas:	<i>Pc. Geraldo Fernandes C. M. F.</i>

Séde: Rua Farani, 95 — Rio de Janeiro — Telefone 46-5601

Departamento Jurídico: funciona na Rua Farani, 95

Departamento de Estatística: Instituto Pio XII - R. Real Grandeza, 87

Departamento de Catecismo: Facul. de Filosofia S. Ursula - Farani, 75

Departamento de Educação e Ensino: - Associação de Educação Católica do Brasil - Rua Martins Ferreira, 23 - Telefone 46-5407

Departamento de Serviço e Assistência Social: Instituto Social
Rua Humaitá, 170 - Telefone 26-6563

Serviço de Passagens e Serviço de Procuradoria: funcionam na Séde, à
Rua Farani, 95 - Telefone 46-5601

* * *

Conferência dos Religiosos do Brasil, Seção de Baía e Sergipe
Criada na primeira semana de estudos dos Religiosos de Baía e Sergipe
7 a 14 de Fevereiro de 1955. Tem sede no Colégio das Mercês
Avenida 7 de Setembro — Salvador — Baía

FOLHEANDO O ANUÁRIO

O Departamento de Estatística da Conferência dos Religiosos acaba de editar o seu primeiro ANUÁRIO, relativo ao ano de 1955, tendo 15 de Maio como data de referência. (1) Não obstante ter circulado sómente às vésperas do Congresso Eucarístico, na segunda semana de Julho, já nos chegaram numerosas e lisonjeiras referências. Realmente, o Departamento trabalhou bem, e nos pôs nas mãos um guia seguro e completo, verdadeiro mapa em relevo, ou grupo fotográfico, se preferirmos esta imagem, da situação e apostolado dos religiosos no Brasil. O Anuário de 1955 já é uma fonte indispensável para quantos desejam conhecer com exatidão o progresso dos Estados de perfeição, como ainda um instrumento de trabalho e de consulta necessário a quantos tenham parcela de responsabilidade na conservação e difusão do reino de Deus em nossa terra.

O Sumário, colocado logo no início do belo volume, que se divide em 5 Secções e um Suplemento, separados por cartão de cores diversas, o que facilita sobremodo o manuseio e a consulta, põe logo diante de nossos olhos dados que encorajam. São 74 as Congregações masculinas presentes no Brasil; 2 são fundações brasileiras; 193 as Congregações femininas, 5 institutos seculares, 37 são as fundações brasileiras femininas. Temos 44 mosteiros de contemplativas. São 6.987 os religiosos sacerdotes, 3.196 os irmãos

1) — Esta data de referência, e o andamento dos trabalhos de impressão, não impediram entretanto de se registrarem dados mais atualizados ainda, como os clichés que se encontram ao final da IV Secção, muito sugestivos, referentes à distribuição dos religiosos e religiosas pelos diversos ministérios que exercem, e que trazem a data de 29 de Junho de 1955.

leigos. Das 1.079 casas religiosas masculinas, 242 são de formação, reconfortando-nos a esperança de um aumento sempre maior dos obreiros da vinha do Senhor. As religiosas, somando profissas, coristas e conversas, bem como novícias, coristas e conversas, perfazem o belo número de 26.494, em 2.419 casas. Impressiona o grande número de obras educacionais, sociais, de assistência à saúde, mantidas pelos religiosos. Se nos acusassem de não trabalharmos pelos mais humildes e sofredores, como em outras paragens tão injustamente acusaram a Igreja, seria para nós tão fácil responder, e de maneira tão irrefutável. Bastaria apresentar aos caluniadores este Anuário.

A segunda página da introdução traz uma declaração que nos tranquiliza a respeito da segurança dos dados e informações, e que muito honra o Departamento de Estatística. Referindo-se à IV Secção, — aquela em que são relacionadas as obras e atividades dos religiosos — assim se expressou o Anuário: "Esta Secção não relaciona toda a atividade dos Religiosos, nem todas as suas Obras, em funcionamento, no Brasil. Relaciona apenas aquelas das quais temos documentação em nosso Departamento de Estatística, com pormenores sobre a atividade que exercem. Temos conhecimento de inúmeras obras, que não pudemos ainda recensear, e muitas outras existem das quais não temos notícia. Estas não constam em nosso elenco". Desta passagem deduzimos que o Departamento tem documentação de tudo quanto publicou no Anuário. Seus números não são estimativas, nem resultado de cálculos. São a expressão de uma realidade perfeitamente documentada.

Quando deparamos com o primeiro cartão, em cores, dos quatro que separam as várias secções, chamou-nos a atenção a graça e sabor agradável dos trechos escriturísticos ou litúrgicos que abrem cada secção, quase a lhes dar sentido e expressão. A segunda secção, relacionando o governo e formação dos religiosos, principia com a palavra do Divino Mestre, referida em Io, 13, 13: Vos vocatis me Domine e Magister, et bene dicitis; sumi etenim. Quase a lembrar aos religiosos que não temos outro Mestre, nem outro Senhor, senão Jesus Cristo, a quem consagramos toda a nossa vida. Na terceira Secção, — quadro de todas as ordens e congregações presentes no Brasil, distribuídas por suas províncias e casas, com o respectivo endereço — o distico inicial é a passagem do belo canto litúrgico de quinta-feira santa: Congregavit nos in unum Christi amor, a nos lembrar que as congregações assim se chamam porque se congregaram, os religiosos em cada uma delas, e todas elas no seio da Igreja, movidas pela caridade de Cristo que nos irmana. Na quarta secção, relação de obras, não podia ser mais sugestivo o distico: ut videant opera vestra bona e glorificant Patrem vestrum qui in coelis est. Nenhuma destas obras se criou para glória dos homens, mas

tão sómente de Deus, único Mestre e Senhor. A quinta secção, relacionando 5.400 localidades do Brasil, com indicação do município, Estado, Diocese, população, e presença de casas religiosas, traz esta abertura: *camus in proximos vicos et civitates, ut et ibi praedicem, ad hoc enim veni.* Quase como a lembrar aos religiosos o convite e o mandamento do Senhor, de pregar a todas as gentes, incitando-nos a sair por tantas cidades ainda não assistidas, para realizar a palavra final do evangelho de São Marcos: *illi autem, profecti, praedicaverunt ubique.*

A leitura da segunda secção, na parte que relaciona as casas de formação, nos levou instintivamente à uma comparação com os gráficos do Suplemento, para ver se maior número de casas de formação corresponde sempre a maior número de religiosos e de casas de uma congregação. E encontramos que, no tocante ao número de casas de formação, ocupam o primeiro lugar os Padres Capuchinhos, com 27; os Padres Franciscanos, com 18, desde os aspirantados até os cursos de teologia; Salesianos com 15. Jesuitas e Lazaristas, com 13. É a mesma ordem de número de casas, em que os gráficos do Suplemento apresentam as várias congregações presentes. Das religiosas, as Filhas de Maria Auxiliadora estão em primeiro lugar, com 13 casas de formação.

A quarta Secção nos apresenta os religiosos distribuídos pelos vários ministérios que exercem. A atividade dos religiosos se concentra predominantemente em obras educacionais e nas paróquias. Há quase tantas paróquias confiadas a religiosos, quantas são as casas religiosas. O que se explica pelo fato de uma mesma casa ser responsável por mais de uma paróquia. São 1.079 as casas religiosas masculinas, e 1047 as paróquias confiadas a religiosos. É bem verdade que o Sumário fala apenas em 875, fiel à data de referência, 15 de Maio. Exam as que o Departamento tinha recenseado até aquela data. Os clichês ilustrativos entretanto, da distribuição dos religiosos por ministérios, ao final da IV Secção, trazendo a data de 29 de Junho, referem número maior. É que o inquérito sobre as paróquias não tinha ainda terminado, quando os originais do Anuário, por força de tempo, tiveram que ser entregues aos editores. O que para os religiosos são as paróquias, para as religiosas são os hospitais. Entre hospitais, educação e ensino, e obras sociais, se reparte todo o apostolado das virgens consagradas.

Particularmente útil, no Anuário, é a V Secção, relacionando, pela ordem alfabética, 5.400 localidades brasileiras. Quantas vezes se quer saber a que diocese pertence determinada cidade, e não se sabe onde buscar esta informação. O Anuário dos Religiosos nos informa prontamente. Temos tentação de ficar a apreciar a variedade pitoresca da nossa topónimia, desde

AGOSTO DE 1936

as cidades chamadas por "Agua": há de todas as cores, branca, clara, preta, quente, rosa, verde, vermelha e de todos os tipos, quente, fria, bela, doce, até as localidades chamadas com nomes de santo, tão numerosas, particularmente as consagradas a alguma invocação de Nossa Senhora.

Mas não é a toponímia que nos detém com mais ansiedade ao abrir esta Secção. E' a angustia do Divino Mestre, compadecido sobre a turba que não tinha pastores. Misereor super turbam. Logo na primeira página da relação, encontramos 4 cidades, com mais de 20.000 habitantes, onde não há nenhuma casa religiosa. Na casa de 10 a 20 mil, são comuns as cidades sem casas religiosas. Acima dos 30.000, são mais raras. Mas há cidades com 54.949 habitantes, onde não há religiosos. Idem, com 43.846 habitantes; com 107.347 habitantes, e apenas duas casas religiosas; e mais não comentamos, nem procuramos, para não sentir a tristeza de tão poucos operários, para uma messe tão grande e tão madura para a colheita, nesta abençoada Terra de Santa Cruz.

O Suplemento nos apresenta um interessante quadro do número de casas religiosas de cada congregação, distribuídas pelos diversos Estados e Territórios da União. O mapa, lido em sentido horizontal, nos dá a situação da Congregação; lido em sentido vertical, traduz a situação dos Estados, no tocante à presença de religiosos. Dois gráficos ilustram o Suplemento, comparando as Congregações entre si, no referente ao número de casas. Primeira, entre os religiosos, os Frades Menores, com 168 casas, seguidos pelos Salesianos, com 84, e pelos Capuchinhos, com 83. Entre as Religiosas, a primazia é das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, com 257 casas, seguidas pelas Filhas de Maria Auxiliadora (Salesianas) com 80; e Irmãs do Imaculado Coração de Maria — congregação brasileira — com 79.

Na verdade o Departamento de Estatística prestou inestimável e relevante serviço às comunidades religiosas, particularmente aos superiores, para bem se orientarem na solução dos problemas de ordem geral que se confrontam ao apostolado dos religiosos.

Fazemos votos que seus estudos continuem, regularmente, nas páginas de nossa Revista, e que o Anuário venha todos os anos, sempre atualizado, a nos informar com segurança sobre todo o imenso campo de vida e apostolado dos religiosos e das religiosas.

Rio de Janeiro, 1.^o de Julho de 1935.

Pe. Irineu Leopoldino da Souza S.D.B
Secretário Geral

A OBRA PONTIFÍCIA PRIMÁRIA DAS VOCACÕES RELIGIOSAS

"MOTU PROPRIO"

Correspondendo à Nossa solicitude de supremo pastor e de pai, a S. C. dos Religiosos julgou oportuno instituir a Obra Primária das Vocações Religiosas, com a finalidade:

- de empenhar a fundo os fiéis, por todos os meios, mas sobretudo suscitando por toda parte Obras semelhantes, para que favoreçam, defendam e auxiliem as vocações aos diferentes Estados de perfeição cristã;
- de difundir a verdadeira doutrina sobre a excelência e a utilidade dos Estados de perfeição;
- e enfim, de convidar os fiéis do mundo inteiro a se unirem para oferecer por esta intenção orações e outros exercícios de piedade;

Nós, por nossa própria iniciativa e agindo com a plenitude de nossa autoridade Apostólica, queremos, decidimos e decretamos que seja estabelecida junto à S. C. dos Religiosos a Obra, a que damos o título de Pontifícia das Vocações Religiosas, com faculdade de agregar as Obras e pessoas que o solicitarem, e de fazer participar todos os membros inscritos, das indulgências e favores espirituais já concedidos a esta Obra, ou que lhe venham a ser concedidos no futuro.

Tal é Nossa vontade firme e estável, não obstante qualquer coisa em contrário, mesmo digna de especial menção.

Dado em Roma, junto à Basílica de São Pedro, aos 11 de fevereiro de 1955, décimo sexto ano do Nosso Pontificado.

Pio XII Papa

(AAS 447 (1955) 266)

* * *

Sagrada Congregação dos Religiosos

A OBRA PONTIFÍCIA DAS VOCACÕES RELIGIOSAS ESTATUTOS

[

A Obra Pontifícia destinada a proteger e favorecer as vocações aos Estados de perfeição, é a Obra Primária instituída pelo Sumo Pontífice Pio

AGOSTO DE 1955

XII. com a Carta Apostólica em forma de "Motu Proprio" Cum Supremæ, de 11 de fevereiro de 1955.

II

Esta Obra Pontifícia tem sua sede junto à Sagrada Congregação dos Religiosos.

III

Para atender ao fim que lhe é determinado, a Obra Pontifícia:

- 1 — Procura, antes de tudo, propagar a verdadeira doutrina sobre a natureza, utilidade e excelência dos Estados de perfeição, tal como é exposta nos documentos pontifícios mais recentes;
- 2 — Promove obras de piedade, de penitência e de caridade, com o fim de obter de Deus excelentes e numerosas vocações para os diferentes Estados de perfeição;
- 3 — Favorece a atividade das Obras das Vocações Religiosas existentes em diversas regiões, e encoraja a fundação delas onde ainda não estejam estabelecidas.

Poderão ser agregadas à Obra Pontifícia:

Todas as Ordens e Congregações religiosas, as Sociedades que lhes são equiparadas, os Institutos Seculares masculinos e femininos, os Mosteiros, as Comunidades religiosas, as Conferências de Superiores e Superioras Maiores, como existem atualmente em diversos países, todas as Obras destinadas de um modo especial a despertar ou a auxiliar as vocações religiosas.

Poderão igualmente ser inscritos:

Os Seminários e Colégios eclesiásticos, as instituições, escolas e associações católicas, todos os fiéis, clérigos ou leigos, que desejem colaborar nesta Obra importante.

V

A Obra Pontifícia das Vocações Religiosas é colocada sob o patrocínio da Sagrada Família de Nazaré, que oferece a todos os Estados de perfeição "um modelo de união doce e fecunda entre a vida contemplativa e a vida ativa" (Constituição Apostólica Sponsa Christi)

Roma, aos 11 de fevereiro de 1955

Cardeal Valério Valeri, Prefeito
P. Arcádio Larraona, C. M. F., Secretário

NORMAS PARA APLICACAO DOS ESTATUTOS

DIREÇÃO

O Eminentíssimo Cardeal Prefeito da S. C. dos Religiosos é o Presidente da Obra Pontifícia das Vocações Religiosas; seu Vice-Presidente é o Excellentíssimo Secretário da mesma S. Congregação.

A autonomia e legítima liberdade das demais Obras não são em nada diminuídas pela Obra Pontifícia; estas Obras, para sua organização e funcionamento, se regem por seus próprios Estatutos.

INSCRIÇÃO

O pedido de agregação ou de inscrição na Obra Pontifícia, para os Estados de perfeição, Colégios e Seminários eclesiásticos, demais Instituições ou Associações católicas e para as Obras das Vocações Religiosas, é feito pelos respectivos Superiores ou Dirigentes.

Aceitando a agregação ou inscrição, a Obra Pontifícia remete às Sociedades um diploma e aos particulares um certificado especial.

Todos os aderentes, inscritos ou agregados, contribuirão com módica quota anual.

EXERCÍCIOS DE PIEDADE

Para se obterem de Deus ótimas vocações para todos os Estados de perfeição, bem como os meios necessários ao bom êxito destas vocações, são vivamente recomendadas as seguintes práticas:

1 — Oferecer, por intenção das Vocações religiosas, o jejum e a abstinência prescritos para as vigílias de Assunção de Nossa Senhora e da festa de Natal;

2 — Estabelecer entre todos os Estados de perfeição um ciclo ininterrupto de orações pelas vocações religiosas;

3 — Celebrar o Dia das Vocações Religiosas com os piedosos exercícios aprovados pela S. C. dos Ritos e enriquecidos de indulgências pela S. Penitenciária Apostólica;

4 — Convidar os doentes e as pessoas que sofrem, a celebrar o Dia do Oferecimento, na qual oferecerão a Deus seus sofrimentos morais e físicos em união com o Preciosíssimo Sangue de Jesus pelas vocações religiosas.

A T R I B U I Ç Õ E S

À Obra Pontifícia compete:

1 — Fazer com que sejam editados e difundidos escritos que aumentem sempre mais o conhecimento e a estima do valor e da utilidade da vocação religiosa.

2 — Empenhar os eclesiásticos a aproveitarem de todas as circunstâncias para tratar dêste tema (sermões, conferências, instruções quaresmais e outras, exercícios espirituais, novenas, catequese de adultos, etc.).

3 — Exortar os fiéis a ler com atenção os documentos da Santa Sé, os escritos dos Santos Padres e dos autores espirituais, sobre a vida religiosa e os Estados de perfeição evangélica.

4 — Inspirar às crianças, aos jovens, confiados por qualquer título aos cuidados de membros dos Estados de perfeição, uma grande estima da vida religiosa e despertar neles um desejo profundo da perfeição cristã.

5 — Promover Congressos em que seja tratada esta questão ou ao menos cuidar que, em outros Congressos do mesmo gênero, não se deixe de tratar também da vocação religiosa.

6 — Manter contacto e entreter relações com os membros agregados ou inscritos: Ordens, Congregações, Sociedades, Institutos, Obras das Vocações religiosas, etc.; seguir, encorajar, auxiliar, coordenar as felizes iniciativas tomadas nesta intenção, e sugerir, quando necessário, os meios mais eficazes para se chegar ao fim desejado. Pedir, em seguida, que se mande à Obra Pontifícia um relatório breve, simples e exato dos esforços feitos e dos resultados obtidos.

F E S T A S

As festas principais da Obra Pontifícia são:

- 1 — A festa da Sagrada Família, no domingo depois da Epifania;
- 2 — A festa de Todos os Santos Fundadores;
- 3 — A festa de São Pedro e São Paulo, no dia 29 de Junho;
- 4 — A festa onomástica do Santo Padre, Supremo Moderador de todos os Estados de perfeição

Roma, aos 11 de fevereiro de 1955

Cardeal Valério Valeri, Prefeito
P. Arcádio Larraona, C. M. F., Secretário

CARTA A UMA SUPERIORA

II

Rvma. Madre

Sua carta me consolou ao saber que, depois de se ter convencido que era a vontade de Deus aceitou generosamente o cargo e o está desempenhando com santa liberdade de espírito. Vou dar-lhe então, mais um conselho. Em primeiro lugar quero lembrar-lhe que a senhora foi nomeada Superiora não precisamente do Hospital, que já tem Provedor e Diretor, mas dessas suas 25 Irmãs. São essas 25 filhas espirituais que, de agora em diante, a chamarão de Mãe, as que deverão ocupar o mais e o melhor do seu tempo. O Hospital não é o fim da vida religiosa da Superiora ou das Irmãs, mas simplesmente o meio e o lugar onde realizam o seu fim que é a dedicação e a entrega total a Nossa Senhor. Pode ser que ao tomar posse do cargo já tenha antes pensado nas obras que poderá agora realizar e nas reformas que vai empreender. Tudo isso será certamente fruto de seu amor ao próximo mas, não se esqueça, que o seu próximo mais próximo são as suas filhas espirituais. E' precisamente cuidando com carinho e solicitude maternal das suas 25 filhas, que conseguirá o máximo de resultado no Hospital. E' verdade que deverá atender ao Provedor, ao Diretor, aos Médicos, Enfermeiros, Funcionários, Fornecedores, etc., mas, não o conseguirá, se antes não atender as suas filhas.

Procure multiplicar os seus braços, isto é, fazer que outros façam. Dê ampla e confiada liberdade de ação às Irmãs, que elas se sentirão na obrigação de corresponder a essa confiança e de não abusar da liberdade. Confiança, com confiança se paga. No começo há perigo de que uma Superiora nova exagere em muitos pontos. Vigie, mas não demais. Vigie como o bom pastor, mas não como o cão do bom pastor! Zele pela observância, mas não tenha um zélo amargo e duro! Procure que haja regularidade e pontualidade, mas não militarismo! Procure seriedade, mas não mate a alegria! Procure pobreza, mas não caia na miséria! Zele pelas pequenas observâncias, mas não se deixe dominar pelo severo exagero das minúcias a que são propícias as mulheres e ainda mais as Religiosas.

Tenho ainda muitas coisas a dizer-lhe, mas tenho medo de que se perturbe e se preocupe demais com os meus conselhos e não tenha tempo de ouvir a voz de Nossa Senhor.

Em Xto.

Pe. Geraldo Fernandes, C. M. F.

ATUALIZAÇÃO DOS ESTUDANTADOS TEOLÓGICOS

Frei Constantino Koser, Petrópolis
Franciscano

INTRODUÇÃO

- I — Uma situação invertida
 - II — Atualização consumada
 - III — Atualização metodológica que se impõe
 - IV — Atualização de conteúdo que se impõe
 - V — Dificuldades
 - VI — Propostas de solução
- Conclusão

INTRODUÇÃO

Os Teologados, institutos em que as ordens e congregações religiosas preparam os candidatos ao sacerdócio, ministrando-lhes ciência teológica, formação espiritual e aperfeiçoamento pastoral, são de importância impar para todos os institutos clericais. Com serem importantes, são extraordinariamente complexos e deles poder-se-ia falar sobre muitos aspectos. Como não é possível abordar todos, é necessário restringir as considerações desta relação. Escolhemos entre os muitos um ponto de vista que é de grande importância e urgência: a necessidade de atualização dos Teologados. E ainda deste aspecto só poderemos esboçar traços gerais, com alguns exemplos concretos.

Para evitar interpretações errôneas de nossa intenção, de início declararmos o mais decididamente possível, que nos distanciamos de quantos em seus programas de atualização ferem a imutabilidade dos dogmas católicos e as diretrizes emanadas da Santa Sé. Esta declaração a fazemos com plena sinceridade e máxima energia. Entendemo-la no sentido de aceitação irrestrita da encíclica "Humani generis" (1950) de Pio XII, no sentido e alcance que tem na perspectiva dos demais decretos e pronunciamentos da Santa Sé nessa matéria. Temos plena consciência dos perigos que qualquer atualização envolve e das precauções que Pio XII impõe para eliminar esses perigos, e nos dispomos a atermos docilmente às diretrizes do Sumo Pontífice. Não menos consciência temos, porém, do outro aspecto dessas mesmas diretrizes: a urgência da atualização, frisada repetidas vezes por Pio XII nesta mesma encíclica "Humani generis". Denunciando erros e prevenindo perigos, o Pontífice não é menos veemente em afirmar a urgência de progresso na teologia e em denunciar o perigo de fossilização.

I — UMA SITUAÇÃO INVERTIDA.

Filosofia e Teologia são disciplinas científicas antiquíssimas. Exceção feita do Direito, ao lado delas até há poucos séculos não havia "ciências", mas apenas "artes". O que não era filosofia, teologia ou direito, não passava muito do nível de ensino secundário, preparação para estudos superiores. As primeiras "artes" que ultrapassaram esse nível, foram dialética e gramática. Só na época dos humanistas, do século 15 em diante, as artes, uma após outra, adquiriram foros de ciência, sendo equiparadas às de filosofia e teologia as faculdades dos "artistas". Lentíssima durante séculos, a evolução foi se acelerando, e veio adquirir velocidade e energia de avalanche em nossos dias. Mudou-se completamente o quadro. Filosofia e teologia estão reduzidas a defender com grande esforço e dificuldade os seus foros de ciência, enquanto as antigas "artes" gozam com naturalidade e desplante desse título. As disciplinas das antigas faculdades dos "artistas" se multiplicaram, se diferenciaram, cifraram-se novos métodos de investigação, formaram-se sistemas e mentalidades, chegou-se enfim a uma imponentíssima construção da inteligência humana, que sem a menor dúvida merece o título de "ciência".

Entre estas "artes" que evoluíram para "ciência", e as velhas ciências da filosofia e teologia, houve choques numerosos. Mas até há poucos decênios, estes choques não eram conflitos de objeto. Entretanto, porém, as ciências alcançaram progresso tal em muitos pontos, que mais e mais seus representantes se vêem forçados a emitir pareceres filosóficos e mesmo teológicos para poderem prosseguir nas pesquisas. Um exemplo: a física nuclear em muitas de suas hipóteses e teses, trata de objetos que não podem ser alcançados por experimentação e observação direta ainda dos mais subtils instrumentos de observação nem pelas mais inteligentes disposições das etapas de experimentação. Com isto os cientistas se vêem forçados a fazer o que tanto tempo ridicularizaram: tirar conclusões especulativas de suas premissas. Fizeram-no a princípio sem se aperceber do fato. Não podiam deixar de se aperceber dessa situação, pois que refletem sempre de novo sobre seus métodos. Dai veio que tiveram que enfrentar-se em problemas de criteriologia. Outro exemplo: as descobertas de física nuclear levaram a rediscutir velhos problemas de "filosofia natural", que há alguns decênios pareciam definitivamente mortos aos cientistas: constituição da matéria, "actio in distans", continuidade dos corpos etc. Com isto nasceram seriíssimos problemas de método para as ciências, mas também conflitos de competência com a filosofia, e há talvez também com a teologia. Para a filosofia, porém, nasceu a necessidade de se inteirar dos fatos descobertos pela ciência, uma vez que nem tudo na filosofia pode ser deduzido aprioristicamente, nem se pode estabelecer como princípio que só as proposições apriorísticas são de competência propriamente dita da filosofia. Seria um empobrecimento excessivo dessa velha disciplina. A filosofia terá que se conformar com modificações de método e também com modificações de conteúdo. Situação que vem se acentuando desde Galileu-Galilei. O que há de novo na situação atual, é que as ciências agora atingiram campos de pesquisa muito mais adentrados em assuntos que se consideravam de exclusiva competência da filosofia.

A teologia não pode eximir-se às consequências desses fatos. Como nela se aproveita largamente uma infraestrutura filosófica, e como os resultados obtidos pelas ciências atingem muitos pontos desta infraestrutura, não pode a teologia ficar indene no embate das idéias e seria prejudicial a ela como ciência e sobretudo à cura de almas, encantá-la numa torre de marfim de desinteresse e de imobilidade. A interferência das ciências por certo terá como consequência modificações profundas na teologia, e assim

também nos teologados. Para evitar equívocos, tomamos a liberdade de lembrar que modificações na teologia não significam modificações na fé ou na revelação: fé e teologia são realidades bastante distintas. A teologia é afinal de contas uma ciência que se constrói a partir dos dados da revelação, mas com larga utilização de elementos naturais, tanto subjetivos quanto objetivos. Nesses elementos é que se não deve produzir as modificações: tanto de conteúdo quanto de método.

II. — ATUALIZAÇÃO CONSUMADA

As modificações reclamadas pela situação são na verdade uma atualização da teologia, e coerentemente dos teologados. Em dois setores da teologia ela já está consumada: nas disciplinas históricas e nas bíblicas.

Para a escolástica, que adotara a noção aristotélica de ciência, a história não era nem podia ser ciência. Daí a exiguidade das pesquisas, a falta de apreço da história e por contraste também a credulidade relativamente fácil da época: tudo isto não tinha muita importância, logo não preocupava. Quando, porém, as negações dos pseudoreformadores do século 16 obrigaram à pesquisa histórica, verificou-se a inexatidão de tanta coisa anteriormente aceita e incluída em pontos mais ou menos importantes, que se produziu uma crise violenta "intra muros" da Igreja. Basta lembrar por exemplo as questões do Patrimônio de São Pedro e das Decretais. Esta crise foi se alastrando, e culminou no século 19 e 20. Ai culminou também a reação. Esta se fez sentir mais prontamente no terreno da exegese e das disciplinas históricas, atingindo, porém, todo o conjunto da teologia. Muitos teólogos, colhidos de surpresa, reagiram com exageros. O modernismo, como graçou entre os teólogos no fim do século passado e princípio deste, é o exemplo mais típico dum reação pouco esclarecida e sobretudo precipitada. A crise, ainda que pesada, foi vencida com relativa presteza. As conquistas metodológicas passaram a dominio comum na teologia. A atualização foi levada a cabo com tal perfeição que não tardou e teólogos católicos isentos de qualquer suspeita, passaram novamente a contar entre os principais pesquisadores, reconhecidos por todos. Nas manifestações do Magistério, relativas aos estudos bíblicos, se reflete o caminho andado nesta atualização. De uma reserva bastante acentuada, passou-se a decidida participação dos novos métodos de pesquisa, mas ainda temerosamente (Leão XIII, "Providentissimus Dominus"). A acolhida dos novos métodos se fez mais completamente (Bento XV, "Spiritus Paracitus"), até que afinal se passou a franca recomendação das investigações mais críticas (Pio XII, "Divino afflante"). Esta evolução se processou naturalmente sem a mínima quebra da verdadeira fé. Evolução houve não só na teologia, mas também no próprio método histórico: mais e mais venceu as enfermidades de infância e adolescência, para entrar no período de madureza, mais tranquilo e mais sério, mais refletido e mais ponderado.

Para quem quiser medir o alcance da evolução havida na teologia, basta considerar o modo de ser usada a palavra de Deus. Já hoje a ninguém mais ocorrerá citar a Bíblia para resolver questões de história natural.

A carta da Comissão Bíblica ao Cardial Suhard ainda velo acentuar as modificações havidas. Nem só se deixa de citar a Sagrada Escritura como argumento em questões de história natural, os onze primeiros capítulos do Gênesis nem mesmo podem ser citados como argumentos de história no sentido de historiografia moderna crítica, nem mesmo clássica. Resta descobrir em que sentido se há de afirmar a historicidade desses capítulos. Outras partes da Sagrada Escritura possivelmente deverão ser contadas na

que enche nosso mundo. Outras muitas coisas de método haveria que incluir na pastoral para atualizá-la: psicologia de influência sobre o homem, abordagem, penetração de massas humanas, pedagogia, didática etc. E continuamos tranquilamente a educar nossos futuros sacerdotes para um mundo que, se ainda não passou inteiramente, está prestes a perecer sem resto.

E' certo, que tais e outras atualizações não devem ser tidas na conta de panacéias infalíveis. Mas é certo também que o zelo de almas nos deve impelir a aplicá-las, para que esteja cumprido quanto está em nós. Graça divina, oração e abnegação, santidade e virtude continuarão sempre e em todos os tempos as mais poderosas forças de cura de almas.

IV — ATUALIZAÇÃO DE CONTEUDO QUE SE IMPÕE

Até esta altura referimo-nos por alto e de modo muito genérico à relação existente entre os métodos observados na teologia e teologados, e os seguidos em disciplinas modernas, que por este ou aquele motivo se aproximam das que ensinamos. Mas, nem só atualização de método se impõe, também atualização de conteúdo.

Menos que ao falar do método, será possível referir-nos aqui a tudo quanto deveria ser dito. Alguns pontos apenas.

Comparemos, por exemplo, o que se costuma ler nos manuais de teologia dogmática sobre a origem da vida, a origem do gênero humano, os mil e um pontos de contacto entre dogma e ciência, com o que a ciência de nossos dias realmente diz e pensa sobre esses assuntos, e teremos a medida de alheamento em que educamos os futuros pastores. Não se reformarão os dogmas, está claro, nem tão pouco proposições altamente qualificadas. Mas está claro também que um manual de dogmática não se reduz a esses pontos. Além disso, nem tudo o que os clentistas têm na conta de "dogma", poderá resistir ao que diz a revelação. Mas, porque estas coisas estão amplamente propagadas no ambiente de nossos dias, deveríamos tomar posição, deveríamos conhecer, analisar, corrigir, refutar, mas que tudo peneirar os grãos de verdade e recolhê-los aos celeiros da teologia. Encontram-se numerosas referências a resultados das ciências modernas em manuais de teologia. Mas em geral dão mostra evidente do dilettantismo e da falta de conhecimento de causa em nosso acampamento, que melhor teria sido não fazer estes referências. Não podemos supor, que com ler três ou quatro artigos do tipo dos que se encontram nas várias revistas de seleção, estaremos suficientemente aparelhados para a lida no terreno amplíssimo dos contactos entre teologia e ciências. E' verdade que os dogmas da filiação de Cristo, da maternidade de Maria Santíssima, da transmissão do pecado original e todos os demais nada têm a temer das descobertas da ciência. Mas os futuros sacerdotes estarão desaparelhados para seu mister, se não conhecem o que os seus ouvintes biólogistas, zoólogos, médicos, físicos etc. conhecem e pensam sobre assuntos congêneres, e o que outros muitos imaginam conhecer e crêem firmemente em virtude da amplíssima vulgarização desses temas. Urge não abandonar posições doutrinárias certas, mas urge outro tanto expô-las com terminologia atualizada e tratar de questões, que realmente existem nesses assuntos, não de problemas que resultaram da falta de informação e pesquisa exata de outros séculos.

O progresso da ciência torna extremamente difícil e fatigante informar-se suficientemente de todos estes temas, como convém a quem trata da teologia em nível científico. Não obstante, isto dia a dia se torna mais urgente e mais necessário. Continuamos explicando e remoendo um lastro enorme de questões, teorias, teses caducadas; continuamos

tação em que se faz a passagem ao transcendental. Esta desconfiança é um elemento de método, e elemento novo, que leva a um modo novo de tratar os assuntos. Da inclusão destes e de outros elementos no método da teologia fundamental poderá surgir não só maior rigor nos argumentos, mas até modificação profunda das estruturas da disciplina. Modificou-se a estrutura, quando foi adaptada aos resultados das ciências bíblicas e históricas. A transformação que urge agora, será quicá mais profunda.

Na teologia dogmática deu-se o fenômeno assás desconcertante de atualização excelente na história dos dogmas e dos concílios, ao lado de conservação quase completa de antiquada posição exegética, patrística e sobretudo conciliar no método de argumentação e exposição. Nem mesmo houve atualização suficiente com os progressos havidos "intra muros" da dogmática. Onde por exemplo o manual de dogma que realmente coloca o magistério na posição que lhe cabe em relação às definições do Vaticano e as explicitações feitas depois? Há tratados, em que o arcabismo instôdico assume proporções realmente incríveis. Lembramos os tratados "de Deo creante et elevante", com a biologia, cosmogonia, física, química etc. postos em equação com dados teológicos. A equação se faz não com os resultados das ciências modernas, mas com posições caducas de séculos pretéritos.

Na teologia moral a atualização se tentou, sem ter sido levada a cabo. A obra de Tillmann-Steinbuchel-Munker (*Handbuch der Katholischen Sittenlehre*, Düsseldorf, 8 volumes, já agora em 5.^a edição) significa sem dúvida um marco importante. Teve repercussão, mas esta se limitou quase inteiramente à Alemanha. Fóra da Alemanha houve tentativas de atualização, que, porém, não chegaram a concretizar-se numa obra semelhante. Os métodos de pesquisa da psicologia, medicina e demais ciências que se relacionam mais ou menos com a moral, em nossos dias progrediram extraordinariamente. Não resta dúvida, que há para lamentar também os deslizes os mais espétaculares e as teorias as mais ofensivas ao bom nome das ciências. Deslizes e teorias nascidas não da aplicação exata e conscientiosa dos métodos elaborados, mas precisamente do dilettantismo na aplicação e da precipitação nas conclusões. Infelizmente na teologia moral se continua ainda excessivamente afeito a velhos métodos de trabalho, e assim os sacerdotes, enviados aos confessionários e às salas de consulta das portarias e das paróquias, não estão armados para enfrentar os novos problemas e sobretudo a nova mentalidade que nasce dos novos métodos e que foi largamente propagada pela imprensa, pelo rádio e pelo cinema.

Tenta-se um pouco por toda a parte aplicar métodos novos na cura de almas, sobretudo lançar mão dos novos meios de transmissão de idéias, inventadas há alguns decenios. No entanto, o ensino da pastoral nos teologados continua nos velhos moldes. Os sacerdotes não terminam seus cursos, sabendo como usar o jornal, o rádio, o cinema, a televisão, o teatro, a propaganda etc. Imaginam muitos, que tudo se resolve como um pouco de boa vontade e de jeito. Estes métodos e instrumentos modernos de propagação de idéias e de influência sobre a opinião, no entanto, reclamam um adestramento prolongado e minucioso. Enquanto em nossos teologados nas disciplinas pastorais não ensinarmos a lidar com estes instrumentos modernos não poderemos esperar, que os sacerdotes depois os apliquem sem lastimáveis defeitos e insuficiências, quase sempre com grave dano econômico e com resultados contraproducentes. Enquanto não soubermos por ex redigir um jornal, que se imponha po si e que não seja assinado quase exclusivamente a título de beneficência, dificilmente poderemos reconquistar para a revelação o volume de voz necessário para ser escutada no enorme ruído de vozes desconcertantes

REVISTA DA CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

que enche nosso mundo. Outras muitas coisas de método haveria que incluir na pastoral para atualizá-la: psicologia de influência sobre o homem, abordagem, penetração de massas humanas, pedagogia, didática etc. E continuamos tranquillamente a educar nossos futuros sacerdotes para um mundo que, se ainda não passou inteiramente, está prestes a perecer sem resto.

E' certo, que tais e outras atualizações não devem ser tidas na conta de panacéias infalíveis. Mas é certo também que o zelo de almas nos deve impelir a aplicá-las, para que esteja cumprido quanto está em nós. Graça divina, oração e abnegação, santidade e virtude continuarão sempre e em todos os tempos as mais poderosas forças de cura de almas.

IV — ATUALIZAÇÃO DE CONTEUDO QUE SE IMPÕE

Até esta altura referimo-nos por alto e de modo muito genérico à relação existente entre os métodos observados na teologia e teologados, e os seguidos em disciplinas modernas, que por este ou aquele motivo se aproximam das que ensinamos. Mas, nem só atualização de método se impõe, também atualização de conteúdo.

Menos que ao falar do método, será possível referir-nos aqui a tudo quanto deveria ser dito. Alguns pontos apenas.

Comparemos, por exemplo, o que se costuma ler nos manuais de teologia dogmática sobre a origem da vida, a origem do gênero humano, os mil e um pontos de contacto entre dogma e ciência, com o que a ciência de nossos dias realmente diz e pensa sobre esses assuntos, e teremos a medida de alheamento em que educamos os futuros pastores. Não se reformarão os dogmas, está claro, nem tão pouco proposições altamente qualificadas. Mas está claro também que um manual de dogmática não se reduz a esses pontos. Além disso, nem tudo o que os cientistas têm na conta de "dogma", poderá resistir ao que diz a revelação. Mas, porque estas coisas estão amplamente propagadas no ambiente de nossos dias, deveríamos tomar posição, deveríamos conhecer, analisar, corrigir, refutar, mas que tudo peneirar os grãos de verdade e recolhê-los aos celeiros da teologia. Encontram-se numerosas referências a resultados das ciências modernas em manuais de teologia. Mas em geral dão mostra evidente do dilettantismo e da falta de conhecimento de causa em nosso acampamento, que melhor teria sido não fazer estas referências. Não podemos supor, que com ler três ou quatro artigos do tipo dos que se encontram nas várias revistas de seleção, estaremos suficientemente aparelhados para a lida no terreno amplissimo dos contactos entre teologia e ciências. E' verdade que os dogmas da filiação de Cristo, da maternidade de Maria Santíssima, da transmissão do pecado original e todos os demais nada têm a temer das descobertas da ciência. Mas os futuros sacerdotes estarão desaparelhados para seu mister, se não conhecem o que os seus ouvintes biólogistas, zoólogos, médicos, físicos etc. conhecem e pensam sobre assuntos congêneres, e o que outros muitos imaginam conhecer e crêem firmemente em virtude da amplissima vulgarização desses temas. Urge não abandonar posições doutrinárias certas, mas urge outro tanto expô-las com terminologia atualizada e tratar de questões, que realmente existem nesses assuntos, não de problemas que resultaram da falta de informação e pesquisa exata de outros séculos.

O progresso da ciência torna extremamente difícil e fatigante informar-se suficientemente de todos estes temas, como convém a quem trata da teologia em nível científico. Não obstante, isto dia a dia se torna mais urgente e mais necessário. Continuamos explicando e remoendo um lastro enorme de questões, teorias, teses caducas; continuamos

A AGOSTO DE 1955

discutir problemas que diante dos resultados certos da ciência estão destituídos de objeto. Seria melhor dedicarmos estas forças marcando nossa presença no mundo em que vivemos. A teologia da era patrística e escolástica teve influência decisiva nos seus séculos exatamente por ser do seu século e estar em dia com os assuntos que a todos interessavam. Enquanto continuarmos arcaizados em nossa teologia e em nossos teólogos, em vão nos queixaremos do pouco influxo que a teologia exerce sobre o mundo em que vivemos. Não podemos esperar que nos escutem e que nos tomem a sério, se tantas vezes termos mostra de falta de seriedade e de informação em assuntos em que nossa honestidade intelectual e nossa competência pode ser avaliada pelos que nos ouvem. Julgarei nossa seriedade em teologia pela que experimentam em assuntos que conhecem.

V — DIFICULDADES

Entre a posição dos santos padres e dos escolásticos em seus respectivos tempos e a nossa em nosso século há certamente uma diferença profunda: eles, em suas especulações teológicas sobre assuntos ilimitrofes do que hoje tratam as ciências, podiam referir-se a um conjunto de conhecimentos, do universo, tido na conta de inteiramente certo e completo, tão indubitável quanto os próprios dogmas, ainda que por motivo diverso. Pisavam terreno firme e estabilizado, segundo pensavam. O contrário se dá conosco. As ciências estão em fluxo, a imagem do universo que nós apresentam é incompleta, os enigmas parecem se multiplicar constantemente, as teorias estão em formação, a situação se modifica quase cotidianamente com novas descobertas e novos dados. O ritmo de evolução das ciências é alucinante. A esta rapidez acresce ainda que, pela própria evolução, o volume de conhecimentos aumentou enormemente e a realidade se nos afigura cada vez mais emaranhada. Se era relativamente fácil entender a imagem do mundo no tempo dos santos padres e dos escolásticos, mal podemos aspirar a conhecer suficientemente ao menos uma parte substancial dos resultados das ciências modernas que por este ou aquele motivo dizem com a teologia. As principais dificuldades da parte das ciências são pois: evolução transformativa rapidíssima, complexidade crescente dos conhecimentos alcançados, volume dos conhecimentos.

Nem só da parte das ciências há dificuldades. Também da parte da própria teologia impõem os mais variados se opõem à atualização da teologia e dos teologados. A evolução dos conhecimentos históricos da teologia, do dogma, da revelação, da Sagrada Escritura etc. segue em ritmo acelerado, comparável às das ciências. Os dados se avolumam de tal modo, que se afigura serviço de Tântalo manter-se em dia. A progressão das questões teológicas elas mesmas, tanto formais quanto materiais, foi tamanha que levou a uma divisão da teologia em disciplinas, nas quais os teólogos se especializam, com exclusão de outras. E já estamos verificando, que a progressão continuada leva a especializações ulteriores: já não se estuda uma determinada disciplina, mas determinado tratado dentro de determinada disciplina teológica. Em vista disto, como manter atualizado o ensino da teologia nos teologados, onde as condições raras vezes permitem a nomeação de mais de um professor para determinada disciplina? A própria especialização, com ser necessária, acarreta, porém, sérias preocupações, pois que, além de isolas as pessoas em seus conhecimentos, estreita os horizontes, rompe as conexões dum tema teológico com outros, prejudica a pesquisa pela supressão das luzes provenientes destas relações, leva afinal à desagregação da teologia.

A estas dificuldades intrínsecas, acrescem em nossos teologados brasileiros ainda as complicações resultantes da escassez de clero, que obriga os lentes de teologia a tra-

balhos alheios ao seu mister, muito embora todas as regras e constituições das ordens e congregações, todos os estatutos de estudo frisem e prescrevam que os leigos devem ser isentados de todo e qualquer serviço que venha prejudicar a sua atuação didática.

VI — PROPOSTAS DE SOLUÇÃO

Sendo tais e tamanhas as dificuldades, não se poderá esperar uma solução sem lançar mão de meios fortes. Estes reclamam coragem e decisão, pois têm de romper com velhos costumes e inveterados hábitos, reclamam modificações relativamente profundas na própria estrutura científica da teologia e nos teologados, sobretudo nos métodos de trabalho dos professores. Não se pode pensar em atualização do conteúdo da teologia, antes de ter sido efetivada a atualização de método, pois que esta é o caminho que leva àquela. Além disso, a atualização deve ser concretizada primeiro na teologia como ciência, só daí poderá repercutir para os teologados. Não se pode esperar, com efeito, que uma tarefa de pesquisa tão complexa e de tão grande alcance, possa ser realizada pelos teologados como tais, que por sua própria natureza não podem ir muito além de escolas de iniciação teológica.

Por isso a primeira condição para levar a efeito a reforma que urge fazer, é a multiplicação de institutos de pesquisa teológica. O enorme progresso das ciências só foi possível porque se criaram institutos de pesquisa suficientes. Filosofia e teologia, as duas velhas ciências e as mais importantes para a direção da humanidade, continuam confiadas quase inteiramente às escolas de iniciação e não possuem senão pouquíssimos institutos em nível de pesquisa. Em tais institutos, e só nêles, existem as condições reclamadas para resolver os problemas de atualização da teologia. Os resultados ai obtidos deverão ser aplicados ao nível teológico observado nos teologados, e dai descerão às almas, para produzir frutos pastorais. Para que a pesquisa possa influir realmente sobre os teologados, torna-se necessário que os próprios professores dessas escolas tenham oportunidade e meios não só de se manter ao par dos resultados obtidos em nível de pesquisa, mas ainda de participar nas próprias pesquisas quanto mais melhor. Isto não poderá ser concretizado, enquanto pesarem encargos tão múltiplos e tão pesados sobre os ombros de cada qual.

Seria postergar a atualização dos nossos teologados para as calendas gregas, se devéssemos esperar até que houvesse um número suficiente de teólogos para formar os institutos e desobrigar os leigos de encargos alheios ao seu mister principal, sem modificar a organização que estamos seguindo. Parece necessário e possível fazer já alguma coisa, modificar esta organização. Pensamos principalmente numa diminuição do número dos teologados e uma consequente concentração das forças disponíveis. Diminuir o número de teologados, conjugando-os entre si, mas sem diminuir o número de professores. Não se há de reunir estudantes de diversas ordens e congregações numa e mesma casa, no mesmo regime de vida e de educação. Isto se desaconselha em vista das particularidades legítimas dos vários institutos religiosos e da necessidade de educar os estudantes, desde o começo, no sentido da regra e finalidade de cada instituto. Mas parece perfeitamente possível, reunir um grupo de teologados na mesma área, cada qual em casa própria e com regime, administração, organização e educação correspondente ao seu tipo de vida religiosa e de finalidade. Estas várias casas teriam uma só escola de teologia, localizada na mesma área, devidamente dotada de todos os requisitos necessários para a pesquisa teológica e para o ensino da teologia. Posta assim entre as casas dos vários institutos religiosos, a escola poderia congregar facilmente algumas centenas de estudantes, sob

a orientação de professores numerosos, provenientes de várias ordens e congregações. Uma aula preparada para 500 estudantes dá tanto trabalho quanto uma preparada para 10 ou 20 — apenas que o número de aulas se reduziria consideravelmente e os professores disporiam de tempo e lazer para pesquisas, desde que, naturalmente, não se diminuisse o número de professores. Assim estaria formado um instituto de pesquisa teológica com os próprios professores dos teologados. A concentração das forças de várias ordens e congregações além disso tornaria possível montar bibliotecas e adquirir os demais instrumentos de trabalho em abundância, e custear ainda pesquisas dispendiosas que se tornassem necessárias ou úteis.

Não basta, porém, criar estas oportunidades de trabalho e de pesquisa. Se cada qual dos professores continuar a trabalhar no método a que estamos habituados, de nada servirá esta concentração de forças e o tempo ganho. Acontecerá que se exacerbarão apenas os males da especialização exagerada. Para que isto não aconteça, será necessário introduzir nesse instituto o método de trabalho que é seguido também mais e mais e já quase com exclusividade nos institutos científicos; o método de pesquisa em equipe. O volume de conhecimentos e a bibliografia científica em quase todos os ramos do saber humano chegaram a dimensões, que tornam praticamente estéril o trabalho de quem se isola. É necessário integrar equipes de pesquisa e ai trabalhar em método de estudo quase inteiramente novo, mas extraordinariamente eficiente como têm provado os resultados obtidos. Haja vista o que se deu nos estudos de física nuclear. As próprias indústrias procuram munir-se de equipes de cientistas altamente especializados e escolhidos de tal modo, que suas especialidades se completem mutuamente na linha do fim colimado.

Este método de pesquisa em equipe reclama modificação profunda da própria ética profissional dos pesquisadores e sobretudo de sua mentalidade. Modificações que são vantajosas tanto para o caráter, quanto para a pesquisa. Os principais requisitos de ética são altruismo, espírito de cooperação, humildade, vontade de aprender dos colegas, emulação de eficiência comandada pelo objeto e pela finalidade, não por questões de prestígio pessoal etc. A pesquisa em equipe só é vantajosa, quando concretizadas estas condições éticas. Não resta dúvida, que o conjunto de qualidades reclamadas para que uma pesquisa em equipe seja realmente eficiente, constitue um dos mais graves impecilhos para sua multiplicação. Mas se entre cientistas se consegue encontrar indivíduos que apresentam estas qualidades, ainda que quase sempre no sentido de virtudes "pagãs", será de esperar que entre teólogos seja mais frequente encontrá-las, e afi no nível de virtude cristãs.

Mas será possível pesquisar em equipe assuntos de filosofia e teologia? O pensamento abstrato que estas duas ciências impõe, parece só poder resultar de reflexão individual e parece opor-se ao método de trabalho preconizado.

É certo, que o método de pesquisa em equipe, elaborado nas ciências, deverá sofrer modificações, para poder ser aplicado à filosofia e teologia. No entanto, nada impede que estas modificações sejam feitas e que se consiga um método perfeitamente adaptado às condições especiais destas duas disciplinas do saber humano. A reflexão abstrata, sem dúvida, não pode ser feita em equipe, deve ser feita individualmente. Mas é suposição falsa imaginar, que nas ciências tudo pode ser feito em equipe. Também aí uma parte substancial das pesquisas é realizada individualmente. Apenas, os resultados de um especialista em seu setor, são continuamente confrontados com os de outro, para que assim o intercâmbio intenso e contínuo aproveite ao trabalho de cada qual. Já este intercâmbio, porém, feito imediatamente, só pode ser realizado em equipe.

Pode-se idear facilmente o trabalho de uma equipe de teólogos. Deveriam reunir-se especialistas dos vários setores do tema a ser pesquisado, digamos por exemplo de cosmogonia teológica. Deveriam estar presentes especialistas de exegese, de tradição, de esoterística, de ciências modernas, de especulação teológica, que confrontassem continuamente, etapa por etapa, os resultados de suas pesquisas. O número de teólogos e cientistas deveria ser suficiente e folgado para o estudo da bibliografia já existente e para a divisão da tarefa em partes não muito extensas para cada qual. É fácil de prever quanto tal cooperação de especialistas, em intercâmbio contínuo e minucioso, seria um método eficiente para atualizar os temas de cosmogonia teológica, pondo-os em equação com a revelação, o magistério, a teologia, a filosofia e também com os resultados das modernas ciências. Parece que só por este meio se conseguirá a atualização de método e de conteúdo na filosofia e teologia.

Diferente da atualização da teologia é a dos teologados. Diferente, mas conexa. Não se pode atualizar os teologados antes de atualizada a teologia. Nem se poderá atualizar o ensino nos teologados pelo mesmo método de pesquisa em equipe, com que se conseguirá atualizar a teologia. Os professores dos teologados que tiverem oportunidade de participar das pesquisas em equipe, certamente levarão para suas aulas atualização formal e material invejável, e boa parte da atualização dos teologados estará realizada. Urge, porém, uma adaptação de método e uma seleção de matéria, uma vez que os teologados, escolas de iniciação, não comportam toda a plenitude e o método da pesquisa teológica propriamente dita. Tanto a adaptação, quanto a seleção deve ser feita em materiais.

Nisto, porém, aparecem duas novas dificuldades: 1.^a o tempo necessário para a redação dum bom manual o torna obsoleto ao sair — ainda mais se pelo trabalho em equipe a teologia se puser a progredir com a celeridade das demais ciências. 2.^a A necessidade de atualização contínua privará os teologados da continuidade de manuais e métodos que por agora os caracteriza e que não deixa de ser, é necessário reconhecê-lo, uma das condições de eficiência didática e pedagógica e um dos elementos mais importantes na cura de almas. Modificação contínua dos livros didáticos e ainda mais a sua substituição em lapso de tempo muito breve, prejudica a sua assimilação pelos que se iniciam na ciência. Não poderão começar por um manual e seguir por outro, sem enormes dificuldades. A própria organização do ensino nos teologados se ressentirá disso, havendo sempre estudantes que seguem por um manual, outros por outro — manuais que se supõem profundamente diferenciados em método e conteúdo, pois que se assim não fosse não haveria necessidade de os introduzir diferentes.

Estas dificuldades não são peculiares da teologia e dos teologados, existem já em todas as ciências, em que pelos modernos métodos de pesquisa a evolução atingiu um ritmo acelerado. A experiência feita nestas outras ciências, mostra que enquanto durar esse ritmo, não haverá solução perfeita para estas dificuldades. Contudo, apesar do ritmo acelerado de evolução, em todas as ciências há uma estrutura mais fundamental que se conserva com alguma estabilidade. A ela se reduzem os manuais, cabendo ao professor acrescentar o material que, de variação tão rápida, não permite uma fixação em manual.

O mesmo se dará na teologia — e ainda com vantagens. O volume de coisas estáveis nesta ciência será sempre maior que em qualquer outra, uma vez que só ela dispõe de instâncias infalíveis de que promanam pronunciamentos irrevogáveis; a revelação e o magistério. O volume desses pontos fixos já é muito grande na teologia, e garante uma

base bem larga, em que as modificações serão sempre muito acidentais. Privilégio inviolável, que reduz consideravelmente as dificuldades de atualização dos manuais, com que se luta em todas as disciplinas meramente humanas em nossos dias. Privilégio, porém, que não deve levar à tentação de continuidade onde esta não se justifica.

O O N C L U S Ã O

A necessidade de atualizar a teologia e coerentemente os teologados em forma e objeto não padece a menor dúvida. Tão pouco pode haver dúvida sobre a urgência dessa tarefa. Pode ser que os meios para os quais se apontou sumariamente, não sejam, na realidade, os indicados. Outros o serão e certamente não serão menos radicais, nem exigirão menos coragem, menos discernimento, energia, trabalho. Se por acaso a visão do arcabismo e isolamento em que vivemos na teologia e nos teologados não nos comove a empreendermos esse trabalho espinhoso e perigoso, que nos estimulem as palavras de Pio XII: "Nitatur utique omni vi omniisque contentione ut disciplinas, quas tradunt & provehant... In quaestiones novas, quas hodierna cultura ac progreendiens aetas in medium protulerunt, diligentissimam suam conferant per vestigationem" ("Humani generis", cfr. REB, vol. 10 (1950) 705-706). Outro tanto, porém, estejam presentes à mente de quantos se embrenham por esses difíceis caminhos, as palavras do mesmo Pontífice, pronunciadas na mesma passagem: "Qui in ecclesiasticis institutis docent, noverint se tua conscientia munus docendi sibi concreditum, execere non posse, nisi doctrinae mormonas, quas ediximus (na encíclica) religiose accipiant atque ad amussim servent in disciplinis instituendis. Debitam reverentiam atque obtemperationem quam in suo adsiduo labore Ecclesiae Magisterio profiteantur oportet, discipulorum quoque mentibus animisque instillent" (Ic. 705). Por isso, se o Pontífice nos estimula ao progresso, também admoesta: "caveant etiam ne limites transgrediantur a Nobis statutos ad veritatem fidei ac doctrinas catholicas tuendam" (Ic. 706) e insiste que se faça tudo, principalmente as reformas necessárias "ea qua par est prudentia et cautela" (Ic. 706).

Foi sempre esta a senha da Igreja: que o prurido de novidade e reformas não venha prejudicar a sã doutrina, e que a preocupação com a sã doutrina e a cautela contra os prejuízos do prurido de novidade e reforma não venha a dar em fossilização da teologia. Se na situação em que estamos houve a necessidade de energica admoestação contra mórbidas tendências de inovação e se por isto o Santo Padre teve que frisar mais a fidelidade à tradição que a necessidade de progresso, não temos o direito de ver em seu documento solene e insistente apenas as admoestações contra os falsos desejos e as erradas tentativas de renovação. E' preciso vejamos também as repetidas instâncias sobre a necessidade de progredir, mas de acordo com as diretrizes da Santa Sé e dentro dos limites da ortodoxia. A tarefa de atualização é urgente. Urge aprendamos a linguarem que falam nossos contemporâneos. Nesta linguagem devemos explicar-lhes as verdades eternas e imutáveis, e nela devemos fazer os progressos que se impõem. Privilejiamo a teologia de sua conatural e benéfica influência sobre os homens, se continuássemos a apresentá-la numa terminologia emprestada de uma visão de coisas diferente da que temos hoje e que em grande parte está relegada ao esquecimento exatamente por não corresponder à realidade.

Os teologados têm a missão de preparar sacerdotes para o amanho das almas. Diferirão no modo de colmar esta finalidade, tê-la-ão sob este ou aquelle aspecto. Mas esta mesma finalidade existe em todos. Como poderemos atingi-la, se continuarmos educando os estudantes em método, linguagem, problemática e preocupações de tempos idos, enxilando-os às almas desaparelhados e sem informação atualizada?

COMEMORANDO UM CENTENARIO

(1855 - 22 de Dezembro - 1955)

HISTÓRICO DA CONGREGAÇÃO DOS SANTOS ANJOS

Origens — Fundadores — Obras atuais da Congregação desde os inícios

O berço da Congregação dos Santos Anjos foi a cidade francesa de Lons-le-Saint-Maur, na diocese de S. Cláudio, situada nas pitorescas montanhas do Jura. Deus escolheu um sacerdote, cuja vida fora uma das glórias do clero do franco-condado, para atrair as bênçãos divinas sobre aquela cidade ledoniana: era o Pe. Agatângelo, o "Amigo do Povo", como era conhecido na Paróquia que dirigiu em circunstâncias especiais, em consequência da perseguição religiosa durante a revolução francesa de 1793. No seu ardente zelo pela formação espiritual das almas, o santo Pároco envidava todos os esforços para que as classes sociais de sua paróquia fossem beneficiadas, fundando assim estabelecimentos religiosos, masculinos e femininos, para as crianças pobres; escola profissional, orfanatos, um hospital e centros catequéticos; não obstante toda essa dedicação, a classe social mais elevada preocupava-o ainda, pois precisava, conforme ele dizia, "melhorar suas luzes e a sua moral". (1).

Dai nasceu em 1823, a feliz inspiração de Pe. Agatângelo, fundar uma Instituição dedicada à juventude feminina, e onde as mestras tivessem "por função principal e mais cara, a de ser os Anjos tutelares de suas alunas".

O venerando Padre, entretanto, embora começasse a procurar os meios para concretizar seu desejo, esperava mais da hora da Providência do que dos planos humanos. E foi assim que, no ano seguinte, Deus, ouvindo as Orações do Venerável Pai, sugeriu o mesmo projeto ao coração de uma jovem professora, Ana Viret, que, movida pelo Espírito Santo, sempre fiel às Suas inspirações, vai apresentar-se ao Pe. Agatângelo para expôr o desejo que iria, sem que ela o pensasse, correspondor exatamente ao dêle.

O zeloso Padre emociona-se à medida que lhe vai sendo feita a explanação: todas as idéias, todas as considerações, todas as vistás de Fé que palpitavam em sua alma, tudo vibrava igualmente no coração da candida donzela. Ela se oferecia também para começar a Obra e punha à sua disposição todo o material escolar que possuía. Era manifestamente a Vontade de Deus, abençoando a criação de uma Casa Religiosa de Educação, cujos fundamentos surgiam por inspiração divina.

O Padre Agatângelo assegura a Ana Viret o auxílio do Céu e a intercessão dos Santos Anjos em quem particularmente confiava, e apressa-se em submeter planos e meios ao Sr. Bispo diocesano, D. Antônio Jaques de Chamon, que acolhe bondosamente o projeto prometendo proteger essa Obra cara também ao seu coração de Pai espiritual integralmente dedicado à infância e à juventude que ele encarava como a esperança da Igreja.

Na reabertura das aulas do mesmo ano escolar — 1824 — Ana Viret inaugurava sua escola que foi aceita com simpatia por todas as Famílias do lugar, as quais, complantes, entregavam-lhe suas filhas; todos conheciam suas virtudes, e seus talentos de educadora.

1) — Do Histórico da Congregação.

Apresentaram-se logo dedicadas auxiliares para a Obra que se iniciava; e foi então que uma Diretora de Colégio, também conhecida educadora em Poligny — Elisa Chadelux-Poux — entrou em relações com Ana Viret de quem se tornaria amiga pela afinidade de almas, associando-se, ainda que de longe, à sua abençoada instituição.

Estava lançada a primeira pedra da Congregação dos Santos Anjos.

Não tardou, porém, que a vontade de Deus se manifestasse de modo bem diferente ao daquela que se podia esperar: Ana Viret caiu gravemente doente, vindo a falecer a 6 de março de 1830. Elisa recebeu a notícia do falecimento prematuro da sua grande amiga, curvando-se como sempre, generosamente, aos decretos divinos. O golpe era duro, mas a Providência velava sobre a Obra de tão piedoso Fundador. Nesse mesmo ano, Elisa sem o esperar, recebe insistentes chamados do Revdo Pe. Agatângelo, apoiado pelo Sr. Bispo, para substituir Ana em sua missão privilegiada. Embora com sacrifício, ela se submeteu aos seus Superiores e parte para Lons-le-Sauvage, seu novo campo de Apostolado, onde chega no dia 15 de Outubro do mesmo ano (1830). Desde logo, recebe de Sua Exceléncia o Sr. Bispo de São Cláudio o título de Mãe Superiora daquelas que quisessem continuar com ela a Missão do Pe. Agatângelo. A proclamação foi recebida com entusiasmo geral, pois a sua chegada era a realização de um sonho, desde muito alimentado. Naquela data, portanto, exatamente no prédio invadido em que se devia reabrir o ano letivo, ficava instalada também a Comunidade dos Santos Anjos, até então sem local definitivo.

No ano seguinte, realizou-se o primeiro Retiro anual da Comunidade pregado pelo Revdo. Pe. Ecoiffier, coadjutor da Paróquia, procurado pela sua palavra piedosa e eloquente. Durante esse Retiro, foram emitidos, publicamente, os Santos Votos das cinco principais Religiosas que receberam também sua cruz de Profissão com as iniciais dos votos que fizeram (Pobreza, Castidade, Obediência, Dedição). Ao mesmo tempo foram dados os nomes pelos quais dali por diante seriam conhecidas. Irmãs das neoprofessoras receberam os nomes dos Arcanjos sendo que para Elisa fora escolhido o do Arcanjo São Miguel.

D. Antônio, querendo manifestar cada vez mais a sua paternal solicitude para com essa parte escolhida do seu rebanho, pediu a S. Santidade o Papa Gregório XVI uma Bênção especial para a Congregação. Tantas graças de inicio não ficariam infrutíferas; provam-no mais tarde as palavras do Santo Cura d'Ars (1844) a uma de suas dirigidas que lhe pedia conselhos para entrar em Religião: "Entre nos Santos Anjos; eles são chamados a fazer o Bem" (Les Saints Anges sont appelés à faire du Bien). Helena Rouillot, (assim se chamava a moça), entrou na Congregação, recebeu o nome de Irmã Maria Chantal; e por ocasião de sua morte, o Santo Taumaturgo disse à Madre Fundadora: "Invoquemo-la porque ela está no Céu". (1).

Em 1834 era dada a aprovação diocesana e confirmada a denominação de "Santos Anjos" nome que traduz "suave lição e feliz esperança". (2).

Dois anos depois de tão confortadora recompensa (1836), o incansável Fundador fazendo o seu último sacrifício, morre santamente, deixando sua caro Família religiosa entregue à bondosa Mãe, — Madre Maria São Miguel — que recebendo-a de mãos tão santas e veneráveis, confiava, para dirigi-la, na realização das palavras da Sagrada Escritura: "Deus ordenou a seus Anjos que te guardassem em todos os seus caminhos".

1) e 2) — Das Crônicas da Congregação.

FUNDADORES

Padre Frei Agatângelo, no século Cláudio Ricardo, nasceu em Lons-le-Sauvage, França, no dia 7 de Abril de 1737. Jovem ainda, professou como Capuchinho na Ordem de São Francisco, da qual recebeu largamente o espírito do seu Patriarca.

Durante a revolução francesa (1793), seu Convento foi transformado em Casa de Detenção e os Religiosos expulsos. Frei Agatângelo firme e corajoso em meio dessa tremenda tempestade, persistia em ficar junto aos seus paroquianos para "não deixar seus filhos órfãos" — dizia ele — "sem o conforto de seu ministério". Outros Sacerdotes deixaram a região para transpor a fronteira e procurar o exílio, enquanto o Venerável Apóstolo dizia: "Quem os assistirá se não houver mais Padres? Morrerrei se for preciso, mas permanecerei entre os meus". Nos sofrimentos e nas provações, pois fôr perseguido e martirizado, elevou-se ao mais alto grau da oração; e era nesse exercício que hauria forças particulares para suportar as perseguições e máus tratos, o que lhe mereceu o título glorioso de "Confessor da Fé". (1).

Passado esse triste período da História, Pe. Agatângelo accedeu às instâncias das Autoridades Eclesiásticas, que conheciam o seu zélo infatigável, para que ficasse na Paróquia, como Vigário, e ai permaneceu, levando a mesma vida de penitência e oração como se estivesse no Convento, sem por isso deixar de entregar-se totalmente ao mais ativo apostolado. Sentindo ele mais vivamente a necessidade de amparar seus filhos espirituais, procurou dar-lhes toda a assistência religiosa e moral. Voltou logo sua atenção para a alta sociedade — aquela que não havia recebido ainda, diretamente, os favores de uma educação cristã. Em 1823, portanto, pensou em fundar uma Instituição dedicada à juventude feminina para que na sua própria Paróquia florescesssem e se conservassem os costumes religiosos. Para a realização desse ideal, Nossa Senhor suscitou almas de Anjos que, colaborando com o Venerável Fundador, iriam corresponder plenamente ao seu pensamento que era de entregar sua Obra a almas consagradas a Deus. Viu coroado de êxito esse projeto com a Fundação da Congregação dos Santos Anjos, como denominou a sua Instituição, e que iria ficar sob a direção de Elisa Chambelux-Poux, uma daquelas almas privilegiadas.

Durante os seis últimos anos da preciosa existência do Venerável Pai espiritual, som que o seu zélo incansável esmorecesse, apesar de sua avançada idade, suas Obras prosperaram e ele recebia a recompensa de ver o seu caro "Santos Anjos" satisfazer às suas mais santas aspirações, fecundando a Educação católica, a mais cara das Obras ao seu coração de apóstolo. Uma consolação lhe estava ainda reservada: viu aprovada pelo Exmo. Sr. Bispo diocesano, a sua querida Congregação.

Na fidelidade inalterável de sua vida de abnegação apostólica e com a serenidade de um Santo, ouviu a voz do Mestre que o chamava ao término de sua longa e preciosa carreira para entrar na alegria dos Céus (31 de Maio de 1836).

MADRE MARIA SÃO MIGUEL — A vinte e quatro de Outubro de 1798, num recanto poético das montanhas do Jura (Les Pianches — França) vinha ao mundo uma criança

(1) — Vida do Pe. Agatângelo, de Lons-le-Sauvage, pelo Rev. Chamouton, Diretor do Seminário diocesano, página 9.

Predestinada a ser a Mãe espiritual de tantas almas que Deus lhe reservava, para tornarem um dia a sua coroa no Céu. O seu nascimento no dia da festa do bem-aventurado Arcanjo São Rafael, protetor da juventude, era um feliz presságio para aquela menina que receberia logo depois no Batismo o nome de Bárbara Elisa, e, mais tarde, no segundo batismo da Profissão religiosa, o de São Miguel, em homenagem ao Príncipe da misericórdia celeste.

Num ambiente de bons exemplos, Elisa passaria a infância e a mocidade, aperfeiçoando-se nas virtudes que iriam perpetuar a sua Família religiosa no seio da Igreja.

A família Chadelux-Poux contava dois mártires da Fé entre os seus membros, Irmãos de Elisa. Um deles fora o Padre Boaventura Chadelux, em Chalons (Saône).

Desde cedo sua piedosa mãe inculcou-lhe verdadeiro e ardente amor à Santíssima Virgem, não só pelo conhecimento doutrinário e imitação de Suas virtudes, como pelas homenagens que prestava à Mãe do Céu; e tão bem a menina assimilava essas penetrantes lições que aos sete anos sua alma candida, compreendendo a beleza da virtude angelical, fez espontaneamente, e com a aprovação do confessor, o voto de Castidade. Um ano mais tarde, mereceu ainda o privilégio de receber pela primeira vez a divina Eucaristia, que foi para sua vida inteira o mais poderoso conforto.

Elisa recebeu na infância e na juventude uma educação completa e aprimorada, e, mais tarde, quando diretora do seu primeiro Colégio obteve por duas vezes da Academia de Besançon o prêmio de Honra por seu duplo talento na Educação e na Instrução.

No jardim de sua abençoada Família, Jesus se deliciou em colher todas as flores ali nascidas: o filho mais velho professou na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, na província da Sabóia (La Roche), com o nome de Frei Cláudio Maria, e ali viveu e morreu santamente; Genoveva, a mais moça, consagrou sua vida ao serviço dos pobres e doentes na Congregação do Espírito Santo (Nozeroy), onde terminou seus dias como Superiora de um hospital; e, por fim, Bárbara Elisa, a violeta da Família, que mereceu a coroa das Fundadoras.

Foi o ano de 1830 que trouxe à paróquia de S. Desidério (Lions-le-Saunier) a venerável Fundadora da Congregação dos Santos Anjos, — Madre Maria São Miguel, — para exercer a missão sublime que a esperava.

Por seu exemplo e ensinamentos a dedicada Madre ia revelando cada dia, o tesouro espiritual que seu coração encerrava. Dizia a suas Filhas: "Penetrai-vos do espírito de Nossa Congregação; ele é a essência das virtudes de Humildade, Simplicidade e Zelo, baseado na Oração". Insistia em que "as Irmãs dos Santos Anjos devem inspirar às alunas as virtudes que tornam o lar atraente e fazem reinar a alegria e a virtude. Devem ainda preparar e exercitar essas almas jovens para a vida militante de cristãs fervorosas, e premunir-las, criteriosamente, contra os desvios e as fraquezas a que estejam expostas".

Ao mesmo tempo que a Congregação assim se organizava, a atividade escolar era promissora: o Estabelecimento, seguindo a orientação de sua Diretora, era "desse jardins que alegram a Igreja pela fecundidade de seu zelo e brilho de suas virtudes". (1).

Uma das primeiras inspirações piedosas da Madre Fundadora foi a de introduzir no Colégio e na Paróquia, a prática do mês de Maria o que conseguiu logo com todo

o brilho e solenidade. Foi também o ponto de partida para que essa fervorosa prática Mariana se estendesse pela região e em mais algumas Comunidades dos arredores.

Nos seus ensinamentos, Madre Maria São Miguel servia-se de todos os meios para inspirar a verdadeira piedade às alunas; visando sempre sua atuação na Paróquia, o que era para o zeloso Fundador uma de suas grandes consolações. Bem cedo, porém, iria faltar à dedicada Madre o apôlo do Venerável e santo Padre Agatângelo; Nosso Senhor o chamara às recompensas celestes, seis anos depois de realizadas as suas esperanças, e o coração da bondosa Mãe sofrera a dolorosa perda abandonando-se, como sempre, à vontade de Deus. Como as provações são selos divinos para as Obras do Céu, elas não podiam faltar à nova Congregação, sem que, entretanto, impedissem a sua prosperidade, pois que então começava "a estender mais longe os seus ramos" na expressão do Santo Outa d'Ars.

Prosseguindo as suas realizações, fundou a santa Madre diversos outros Estabelecimentos como o de Morez do Jura, em 1841; em 1844 o de Mâcon; — que viria a ser mais tarde Casa Mãe da Congregação — e em 1855 Dôle ia encerrar as suas atividades terrenas. Todos os seus trabalhos eram coroados de êxito, ainda que alimentados pela provação que lhe dava sempre a certeza da aquiescência divina.

O brilho de suas virtudes e o seu conhecido talento pedagógico fizeram com que algumas Fundadores daquêle tempo se dirigissem a ela, pedindo-lhe colaborar nas suas novas Comunidades: O Padre Nampion jesuíta suíço, fundador das Religiosas de Nazaré em Lião, insistiu por diversas vezes para que a piadosa Madre se filiasse à sua Obra; o Pe. Lambert, vigário de Chauffailles, por sua vez, pediu-lhe para aceitar a sua Fundação cuja Casa Mãe seria na sua Paróquia e se chamaria Congregação do Menino Jesus; os Fundadores das Religiosas de Sion chegaram mesmo a entrar em entendimentos para que houvesse uma fusão de uma parte ou de outra, pois que as duas Congregações então recentes poderiam formar uma só. A resposta, porém, da Madre Fundadora a todas essas solicitações foi sempre negativa: "Ficaremos sempre fiéis aos Santos Anjos, e ao nosso Bispo".

O ano de 1855 veria a coroação final daquela vida toda dedicada à glória de Deus, à salvação das almas e ao engrandecimento de sua querida Congregação, para a qual ela teria ainda vasto programa a realizar, mas que, nos designios divinos, a outras almas eleitas seria dado cumprir. Deus dispôs que ela lançasse os sólidos fundamentos e abrisse os horizontes, deixando à Congregação a visão de um futuro esperançoso. "Um é o que semeia, outro é o que colhe".

Ao coração das Filhas devotadas, porém, pareceu muito cedo a separação dessa Mãe incomparável que deixava santamente este mundo, tal como viveu, levando para o Céu a palavra de confiança que foi um estímulo na sua vida: "In Te Domine, speravi non confundar in aeternum!".

Para que o leitor note os fatos providenciais com que Deus se dignou entregar os "Santos Anjos" à guarda de Seus Anjos, daremos ainda uma breve notícia sobre **D. ANTONIO JAQUES DE CHAMON** — Bispo de São Cláudio.

D. Antônio Jaques de Chamon nasceu em 1763, em Carcassonne, (França). Foi, na sua infância, milagrosamente protegido por um Anjo que lhe prometera tê-lo sempre sob sua guarda e lhe profetizara: "Um dia serás Bispo".

AGOSTO DE 1955

Sob a influência da feliz profecia e do celestial personagem que o acolhera — o qual outro não era senão o seu Anjo da Guarda (conforme dizem as crônicas contemporâneas) — Antônio Jaques recebera uma completa formação espiritual e intelectual, não sómente no seio de sua nobre Família como no Educandário que frequentou, dirigido por Sacerdotes Regulares, na sua grande cidade natal.

Ordenado Sacerdote em 1708, pouco depois conheceu a dura provação do exílio, na Polônia, na época em que a França atravessava a quadra mais dolorosa da sua História (1793). De volta à França, foi sagrado Bispo, tomando posse da diocese de São Cláudio, a que pertencia Lons-le-Sauvage, exatamente no dia de São Miguel, 29 de setembro de 1823.

D. Antônio amou particularmente a Congregação dos Santos Anjos da qual se dizia também Fundador, na sua diocese, pois que foi ele quem aprovou oficialmente, quem lhe confirmou o nome, recebeu os primeiros votos das primeiras Religiosas e quem havia traçado a sua organização.

Depois de um apostolado laborioso e fecundo, a 23 de Maio de 1851, D. Antônio deixa esta terra pela Pátria Celeste indo continuar mais perto de Deus, a Obra que Ele chamava sua, dizendo "minha Família", "o meu Santos Anjos" e por quem dedicou grande parte de sua vida.

OBRAS ATUAIS DA CONGREGAÇÃO DESDE OS INÍCIOS

— Em 1879 os Santos Anjos fundaram em Paray-le-Monial, atendendo à generosidade de S. Excia. D. Tomás, bispo de Rochele, que doava à Congregação uma propriedade (herança de família) para uma nova Obra. Desde então, felizes de servirem na terra santificada pelas aparições do Sagrado Coração de Jesus, os Santos Anjos continuam sua missão de dedicação, acolhendo os peregrinos que por ali passam continuamente, e recebendo jovens que, no recolhimento dos Retiros espirituais, não refazem suas lutas e procuram resolver seus problemas.

— Em Mâcon, os Santos Anjos cumpriram sempre a missão que lhes confiara a Providência divina junto à juventude, até que em 1903, ano de triste memória para a França que viu as leis anticlericais fecharem brutalmente as portas dos seus Colégios religiosos tão florescentes, foi necessário à Congregação transformar as suas atividades e adaptá-las ao tempo: deixar a sua Obra de predileção, embora recebesse, oportunamente, jovens estudantes. Coube, à Superiora geral de então, Madre Maria de Gonzaga, a missão de estabelecer, em 1919, o Curso de Economia doméstica — corte, costura e preparação do lar — e o de Assistência Social de "Proteção à Juventude". Naquela época, porém, infelizmente, a idéia de assistência à juventude ainda não havia penetrado na opinião pública, e sómente alguns anos mais tarde pode ser plenamente realizado o grande desejo da Revda. Madre. Hoje é uma Obra diocesana conhecida e procurada em toda a região maconesa.

As Irmãs dos Santos Anjos dirigem ainda, na mesma cidade, uma promissora Escola Paroquial, bem como um curso secundário.

— Em 1893, quando o governo francês se mostrava cada vez mais hostil aos Institutos religiosos, Madre Maria Elisabeth, movida pelas circunstâncias, realizava a Funda-

ção no Brasil, a qual fôra longa e ardenteamente preparada. Cumpria-se assim mais uma profecia do Santo Curia d'Ars quando se dirigiu a Madre Elisabeth, trinta e sete anos antes: "A Congregação estenderá mais longe os seus ramos, até no estrangeiro". (1).

Foi fixada para 3 de Maio — sob o signo da Cruz — (1893) a data da partida para a nova seara. Oito dias, porém, antes do embarque, com dolorosa surpresa para todos, Madre Maria Elisabeth faleceu em Mâcon, em consequência do excesso de trabalhos ocasionados pelos preparativos para a esperada Fundação. Como a Moisés, Deus lhe havia mostrado a terra prometida, onde ela viveu tanto tempo pelo pensamento, mas só do Céu iria vê-la, oferecendo assim, seu derradeiro sacrifício com a generosidade que lhe era característica. Nosso Senhor escolheu-a para Protetora ao invés de Superiora da Fundação Brasileira. Substituiu-a Madre Maria São Bernardo que deveria partir com suas auxiliares.

A 22 de Maio chegavam às terras brasileiras, as primeiras Irmãs dos Santos Anjos que, sob a proteção particular da Rainha dos Anjos, começavam nova vida em novas terras, fixando-se no Andaraí, onde as esperava o Revmo. Pe. Blondet, o dedicadíssimo Fundador da Obra dos Santos Anjos no Brasil.

Mais tarde, 1898, abria-se no Rio de Janeiro o Noviciado com a entrada da primeira Novicia brasileira, a aluna Sofia Bastos (Irmã Maria Santa Rita).

Continuando o florescimento das vocações, foi instalada mais uma casa de Formação no Rio de Janeiro, — Juvenato São Rafael, — para candidatas à vida Religiosa sucedendo-se outras Fundações de Estabelecimentos de Ensino. Atualmente a Congregação conta sete Educandários no Brasil: (Cursos: Primário, Ginásial, Normal, Colegial) no Distrito Federal (Tijuca); no Estado do Rio (Vassouras); em Minas Gerais (Varginha, Além-Paraíba, Juiz de Fora); em Santa Catarina (Rio das Antas e Ipoméia), e, muito próximamente, no Rio Grande do Sul (Barra do Rio Azul). Funcionará o primeiro Hospital dirigido pela Congregação assim como será iniciado mais um Juvenato e um Curso Primário.

— Em 1953, no Capítulo Geral, realizado no Brasil, na Casa Mãe (transferida de França em 1947), foi eleita a atual e primeira Superiora Geral Brasileira, Madre Maria Blandine.

Os Santos Anjos, neste abençoado Ano Eucarístico, comemoram jubilosos o Centenário daquela que na terra foi Mãe desvelada, e hoje, no Céu, continua sua missão de Anjo Tutelar de suas Filhas — Madre Maria São Miguel, Fundadora da Congregação dos Santos Anjos.

1) — Do Histórico da Congregação.

O MANÁ DA NOVA LEI NAS COMUNIDADES RELIGIOSAS.

P. José de Oliveira Dias S. I.

(Conclusão do número anterior)

ESCOLA DE PRESERVAÇÃO.

A imortalidade, que o Salvador promete a quem se alimentar do Maná divino, não é evidentemente a corporal, mas a espiritual, que está na preservação do que há de mais mortal no mundo, que é o pecado.

E' essa imortalidade que a alma religiosa ambiciona, alimentando-se eucaristicamente e afugentando todas as ameaças de enfermidade com a terapêutica eucarística, receitada pelo médico divino. Para isso foi ela importada do céu.

Para preservar a alma da morte, tem o religioso e a religiosa que adotar o mesmo processo com que tenta afugentar a morte física. E duas são as causas que a podem originar: a decomposição interior, ou seja a corruptão dos órgãos vitais, e a intervenção nociva de agentes externos.

No primeiro caso é mediante um regime sadio, é pelo uso de medicinas que restarem as forças, que conservem ou restituam ao organismo depauperado, sua vitalidade, que o homem se há de defender.

No segundo caso é à mão armada que ele tem de repelir os assaltos traiçoeiros dos seus inimigos.

De modo análogo tem de proceder a alma religiosa, que, ou no silêncio o claustru, ou no meio de atividades sociais e apostólicas, pretende estender

a sua vida sobrenatural até ao último alento da vida natural, à qual se seguirá a vida gloriosa, pois não é outra a imortalidade prometida pelo Rei da Eucaristia.

E não será este, acaso, o duplo efeito produzido pelo maná encarístico na alma religiosa que dêle faz o seu regime alimentar? Por um lado, é uma nutrição que não só conserva, mas robustece e aumenta a vida espiritual, unindo mais e mais a alma com Cristo pela graça santificante, nutrição que possui a eficácia simultânea de alimento e de medicina espiritual. Por outra parte, defende a alma contra os mortíferos assaltos do demônio, como sacramento que é representativo da Paixão de Cristo, pela qual foi vencido o demônio.

A grande riqueza da alma, riqueza que vale uma eternidade de gozo beatífico, é a vida sobrenatural. A sua perda definitiva corresponderia a uma bancarrota de consequências infinitamente trágicas. Seria o vazio do Infinito.

O PECADO — E essa vida só o pecado a pode arrebatar, porque só ele desfaz a união de Deus com a alma. À semelhança dum paralisia que interrompe a circulação do sangue pelas veias e artérias e o impede de levar a vida aos diversos membros do corpo, o pecado mortal impede toda a comunicação entre Jesus Cristo e a alma, membro do seu corpo místico, sem receber dêle ação vital, que a habilite a praticar atos meritórios da vida eterna.

Também o religioso e a religiosa devem temer este mal, de alcance infinito, porque não estão confirmados em graça. Ainda que não estejam expostos às seduções do ouro, nem às ambições de lucros fraudulentos, nem às solicitações do filme corruptor ou das promiscuidades mortíferas das praias, nem por isso Satanás perde de vista tamquam leo rugiens. (15), nem renuncia a arrebatar-lhes a vida divina, que jurou destruir nas almas para se vingar de Deus.

PERIGOS E INIMIGOS

Para conseguir o seu objetivo não lhe faltam auxiliares, mesmo no âmbito da vida e das atividades religiosas, na ciência, na literatura, nos aperfeiçoamentos e requintes da vida moderna, na educação, nos contactos com o mundo, com amigos, talvez até na mesma convivência religiosa, em que, como no reino dos peixes (16) se pode encontrar o fervor em contacto

(15) I Petr. V, 8.

(16) Matth. XIII, 47, 48.

com a tibieza, à observância fiel com o desleixo, a generosidade com a mesquinhez, a dedicação com o egoísmo, a humanidade com a autolatria, e com o comodismo o espírito de imolação. E nessa confraternização religiosa nem sempre o bem subjuga o mal, e algumas vezes o mal debilita o bem. Às vezes, em vez de ser o fogo a fundir o gelo, é o gelo que extingue o fogo. Mas até dentro de nós mesmos o espírito do mal encontra prestativos aliados, e bastar-lhe-á um sopro para pegar fogo a paixões mal domadas. Até dentro de nós mesmos se encontra o antagonismo do duplo "eu", revezando-se mutuamente, como nos campos de batalha, em alternativas de derrota e de vitória. Que o diga o Apóstolo, apelando para a própria experiência (17) e saindo vencedor da refrega.

Que fará então o religioso ou a religiosa, rodeados de adversários temíveis?

NOBISCUM DEUS.

A visão profética — Arrebatado em espírito viu Isaías (18) desenendar-se sobre a Judéia a formidável invasão dos Assírios, à maneira de caudaloso rio. Desfilavam inúmeras legiões de inimigos, qual vaga imensa que cobre toda a terra e que tudo devasta à sua passagem. E não pode o profeta reprimir um grito de angústia. "E' a devastação que se estende por toda a terra, ó Emanuel!". Mas logo, abalado pelo estremecimento dos grandes videntes, volta a si e apostrofa os invasores com eloquente denodo: "Uni-vos e aliai-vos, povos todos, que sereis vencidos; armai-vos, fazei prodígios de coragem, que vencidos sereis; traçai planos, que serão desbaratados; dai ordens de comando, que não se executarão, porque temos a DEUS conosco".

Quantas vezes não se verifica também a seu modo, esta visão formidável no desenrolar da vida religiosa, até dentro das paredes da própria clausura. Também a alma religiosa pode atravessar crises tremendas, em que se verá acometida de todas as partes por tudo o que há de tentador e hostil. São as incertezas da perseverança na própria vocação, são desânimos e desalentos, são temores e incompreensões, que ameaçam levá-la ao desespero, são as portas da oração fechadas, é o céu surdo às suas súplicas; é o isolamento no meio duma cerração caliginosa do espírito, é uma decisão arriscada, iminente, que como um precipício se escancara a seus olhos obcecados.

(17) Rom. VII, 13, sgs.

(18) Cap. VIII, 7, sgs

Mas, se ela no ambiente claustral vive e respira uma atmosfera eucarística, pode como o profeta encarar de frente tentações e tentadores e dizer-lhes com desassombro: podeis em má hora aliar-vos contra mim, multiplicar as investidas, armar ciladas a todos os meus passos. Não vos temo **QUIA NOBISCUM DEUS.**

Assim é na realidade. O Rei da Eucaristia selou com o Seu sangue um pacto sagrado com a alma religiosa, que se lhe consagrou irrevogavelmente. E serão acaso vãs essas promessas uma e outra vez reiteradas: Eu sou o pão vivo descendido do céu. Quem o comer não morrerá... viverá eternamente....

O religioso para confirmar essa sua confiança precisa de examinar as promessas eucarísticas à luz das razões teológicas.

Jesus promete a quem se alimentar da Sua carne sacramentada defendê-lo contra os inimigos, de modo que a morte no pecado não prevaleça contra ele. Para bem entender esta promessa, não perca o religioso de vista o fenômeno que experimentam os organismos vivos do mundo material. Assim como neles se verifica um incessante trabalho de desgaste, que exige pronta reparação a fim de prevenir uma debilidade geral, o exgotamento do organismo, a enfermidade e por fim a morte; do mesmo modo na ordem sobrenatural, viciada a nossa natureza pelo pecado original, produz-se nela análoga ação de desgaste contínuo e de morte, devida sobretudo a estas três causas:: a) à concupiscência, b) aos maus hábitos contraídos, que deixam a alma, mesmo depois de perdoada, propensa a reincidências mais ou menos funestas, ao orgulho, à sensualidade; c) aos pecados veniais, que brotam dessas inclinações viciosas, e nos quais diariamente se reincide por descuido ou tibieza, e aumentam mais a debilidade da alma em face do perigo.

A vida religiosa, por mais que a resguarde o claustro, por mais que a protejam as regras comuns e o compromisso dos votos canônicos, definhará insensivelmente até se exgotar com estas perdas e anemias orgânicas, pois embora tais propensões e mesmo os pecados veniais não destruam a união com Cristo, tornam-na contudo dia a dia mais frouxa, e impedem que as graças atuais cheguem a ela com a mesma abundância.

Daí provém que o vigor da alma se embota, que as suas energias se debilitam, que a vida interior se dissipa e seculariza, que o calor vital da caridade se resfria mais e mais, o espírito religioso se abastarda, a observância regular entra em perigosa decadência e a vida sobrenatural ameaça naufrágio, se acaso sobrevém uma investida mais violenta dos inimigos domésticos ou externos.

Jesus sacramentou-se para que tenehamos, não uma vida raquítica, atrofiada, rudimentar, mas "ut abundantius habeant" (19), vida que se expanda em frutos de santidade, em atos de virtude heróica, da fortaleza dos mártires, de atividade apostólica, sob o influxo duma preparação condigna e duma ação de graças ardente.

RECONSTITUINTE E FORTIFICANTE

Jesus não desconhecia essa triste consequência do pecado original. Por isso, para nos proporcionar na mesma ordem espiritual uma terapêutica reparadora, e opôr ao desgaste incessante da nossa vida sobrenatural uma restauração também incessante, apresenta-nos sobre a mesa eucarística o alimento reconstituinte sob espécies de pão e de vinho, para significar que o seu efeito sacramental é reparar as perdas do vigor sobrenatural, que a alma sofre pelas faltas quotidianas, do mesmo modo que o pão material e o vinho reparam as perdas do vigor físico, que a vida diariamente consome.

Mas há mais: o Maná eucarístico há de ser o antídoto que nos liberte das venialidades quotidianas e nos preserve das quedas mortais:

Dêsse modo no clima da vida religiosa, sob as irradiações santificadoras da Eucaristia se atalha o perigoso definhão da vida sobrenatural e a ação paralisadora da tibieza e se perdoam tantas venialidades que, sem o reativo eucarístico, facilmente contagiam as comunidades e desviariam delas muitas bênçãos.

Mas há mais ainda: a mesma intensidade e veemência dos atos de caridade acendida e reacendida pela Eucaristia no seio duma comunidade, vai debilitando em seus membros nutridos por esse divino Maná as inclinações viciosas, origem e fonte principal das faltas de cada dia, que intimamente afetam a mesma vida de comunidade. E ao mesmo tempo que as debilita, a virtude eucarística robustece as energias espirituais da alma, facilitando-lhe a vitória definitiva.

Dêsse modo, por experiência pessoal e iluminada pela fé, a alma religiosa sentirá na sua vida de lutas e no seu ascender para a santidade que o efeito peculiar da Eucaristia é, além de aumentar a graça santificante, estreitar ao máximo os laços da caridade que a unem a Cristo, até realizar o ideal do Apóstolo: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim". (21).

(19) Ioan. X, 10.

(20) Gal. II, 20.

Esse efeito peculiar, que na linguagem técnica dos teólogos se chama a graça sacramental, consiste num direito real e positivo de receber oportunamente as graças atuais, transitórias, sim, porém eficazes, que nos ajudem a obter o fim próprio do sacramento, ou a remover tudo o que dêle nos possa afastar.

Portanto, a alma que segue condignamente um regime eucarístico sem fastios nem rotinas, qual deve ser a alma religiosa, tem o direito de receber na crise da tentação uma graça especial, um socorro, que a ajude a vencer. Será essa a arma eficaz contra as rebeliões do orgulho, os ímpetos da ira, as exigências da sensualidade, contra o derrotismo espiritual do desânimo, da pusilanimidade, da inconstância. E' que, se Jesus está com a alma, nada prevalecerá contra ela. E Jesus está com a alma religiosa que se alimenta da Sua carne, e se inebria do Seu sangue. Foi essa carne, foi esse sangue divino e divinizante que fez invencíveis contra a astúcia e残酷 dos potentados da terra.

Eles farão invencível a alma no martírio lento da vida religiosa. E depois de triunfar de todas as seduções do mundo, das sugestões diabólicas e das propensões da carne, levará do cláustro para a sepultura o tesouro da inocência, ou conservado intacto até à morte, ou recuperado pelas lágrimas da contrição.

E' doutrina comum dos Santos e mestres da teologia católica, que a carne de Cristo, hipostaticamente assumida pela Divindade e sacramentada no altar, tem o condão de purificar a carne viciada do homem pecador. Para glorificar a humanidade intemerata do Salvador, quis o Eterno Pai que a carne, que em nós é princípio de debilidade e de morte, fosse em Seu Filho princípio de energia e de vida, amortecendo no corpo humano, à maneira de ração espiritual, as rebeliões da concupiscência. "Não tem maior virtude a água, disse S. Alberto Magno, para apagar o fogo, do que a carne de Cristo para extinguir o fogo das paixões". E' que ao contacto da carne puríssima do Verbo Humanado com a nossa miserável carne corrompida, estabelece-se entre ambas uma relação, quase diria uma afinidade mística, mas real, pela qual Cristo olha como Sua a nossa carne, consagrada em certo modo pelo contacto eucarístico da Sua própria carne e sangue, e como Sua a defende com graças especiais contra as investidas da impureza; carne consagrada pela profissão religiosa de um lado, carne de outro lado divinizada pela união hipostática.

UMA PREVENÇÃO — Não se iluda, porém, a alma religiosa, exagerando o alcance desta doutrina. Quando os Padres e Doutores da Igreja exaltam a virtude vivificante da carne de Jesus Cristo, que restitui parcial-

mente à nossa a integridade perdida pelo pecado, não é sua intenção significar que, pelo simples contacto eucarístico, desaparece por completo a propensão viciosa da carne corrompida. No plano divino a Eucaristia não é sacramento que nos introduz imediatamente no gozo tranquilo da glória, mas o viático do desterrado, que, através dum áspero deserto se encaminha para a pátria; é a medicina que suaviza as suas dores e repara as forças perdidas em tão rude jornada; é enfim o tônico que lhe enche de vigor o coração para debelar os inimigos que lhe saem ao encontro. Por isso a Igreja, expondo à nossa adoração a Hostia sacrossanta, põe nos lábios dos adoradores, não o hino de triunfo de quem já conquistou a palma, mas o cântico do soldado, que se move no fragor da peleja: "Bella premunt hostilia, da robur, fer auxilium"

RESPOSTA A UMA DÚVIDA

Em face das ponderações feitas, assoma-nos espontaneamente aos lábios esta interrogação: Se tal é a eficácia santificadora da Eucaristia, qual a razão porque não poucas almas, apesar do regime eucarístico seguido com tanta assiduidade, se sentem estacionadas na vida espiritual, vida murcha e deficiente em tantas das suas manifestações?

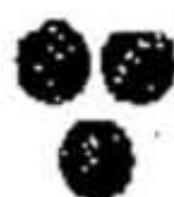
Não vamos responder com esta observação, puramente negativa, que se ouve a toda a hora: Se isso te acontece, comungando, que seria se não comungasses? — Resposta já gasta, que nada explica, e nenhum remédio aponta. Diremos antes, resumindo a exposição do P. António Vieira no 15.º sermão do Rosário:

E' à nutrição que se deve o desenvolvimento físico, o incremento corporal do homem. Mas para que haja verdadeira nutrição, não basta comer, é necessário também digerir. Também Cristo ressuscitado comeu várias vezes: no próprio dia da Ressurreição, na praia do Tiberíades, e no mesmo dia da Ascensão. Comia, mas não se nutria. E' que para haver nutrição, tinha de haver digestão. E Cristo no seu estado de glorificação não digeria. Porque será então que não poucas almas que comungam, que comem a carne do Filho do Homem, não experimentam os efeitos vitais da Eucaristia, almas macilentas, almas desmedradas, anêmicas e quase cadavéricas? E' porque comem, mas não digerem: ingeritur, sed non digeritur. E sem digestão não há nutrição, e, não havendo nutrição, também não há progresso na vida espiritual.

Ora a verdadeira nutrição é a que distribui por todas as veias e membros do corpo a substância e virtude do alimento ingerido. E "este soberano

manjar e nectar do céu, diz São Pedro Damião, quando se recebe não só no corpo, mas na alma também, e se digere no estômago da alma, tem de se distribuir do mesmo modo, em vez de ficar indigesto no estômago corporal". Recebe-se com grande suavidade no estômago da alma, e dali se difunde por toda ela. Daí se comunica a todas as suas potências, e também a todos os sentidos corporais a virtude e virtudes do corpo e membros de Cristo, que se encerram na substância que ingerimos. E assim nos olhos do comunicante aparece logo a modéstia dos olhares de Cristo, na língua o silêncio e moderação das palavras de Cristo, nas palavras a unção da caridade e mansidão de Cristo; nos pés a compostura e gravidade dos passos de Cristo, nas mãos a inocência e bondade das ações de Cristo, no semblante a majestade e serenidade da fisionomia de Cristo, na inteligência a santidade dos pensamentos de Cristo, no coração os afetos e desejos de Cristo; e assim em todo o homem, que se nutriu da carne do Filho do Homem.

Aqui fica apontada a resposta e a explicação de tantas comunhões estéreis, porque profanadas por uma lamentável rotina, que impede uma salutar e frutuosa digestão. E aqui fica também arquivada a receita: como o mal nasce de indisposição da alma, e esta indisposição provém da falta de meditação e de recolhimento, junta-se ao Sacramento a oração recolhida e a meditação bem feita. E então o que no sacramento se ingere, na meditação se digere. E com esta dupla função orgânica, fica certamente garantida a nutrição da alma com todos os seus efeitos santificadores.



ESTATUTOS

Da Conferência dos Religiosos do Brasil

Fundada no Rio de Janeiro, a 11 de Fevereiro de 1954
no Primeiro Congresso dos Religiosos do Brasil

CAPÍTULO I

Constituição, denominação e fins.

Art. 1.º — A Conferência dos Religiosos do Brasil é o organismo permanente das comunidades religiosas estabelecidas no Brasil.

Art. 2.º — A Conferência tem por finalidade precípua a coordenação e articulação das diversas Comunidades Religiosas, o estudo de problemas e criação de serviços de interesse comum, visando uma colaboração mútua sempre mais eficaz.

Art. 3.º — Integram a Conferência todas as Comunidades Religiosas estabelecidas no Brasil, representadas por seus respectivos Superiores. Mal-
res: as Comunidades que não tiverem Superior Maior no Brasil, serão representadas por quem exercer aqui a maior autoridade.

Art. 4.º — A Conferência se compõe, inicialmente, dos seguintes Departamentos:

Os presentes Estatutos estão registrados no Registro Civil de Pessoas Jurídicas do Rio de Janeiro - Distrito Federal, sob o número de ordem 3.697, no Livro número A-3, e do protocolo número 8.204, Livro número A-1, em 23 de Março de 1955.

A Conferência é portanto uma associação reconhecida no fôro eclesiástico, como no fôro civil.

- a) — Jurídico
- b) — de Estatística
- c) — de Educação e Ensino
- d) — de Catecismo
- e) — de Assistência à Saúde
- f) — de Serviço e Assistência Social
- g) — de Missões Populares
- h) — de Obras Diversas.

Art. 5.^o — Estes Departamentos deverão funcionar em casas religiosas da Capital Federal, e terão à frente um Religioso, escolhendo-se, preferivelmente, pessoas que não tenham encargos de governo na sua própria comunidade.

Art. 6.^o — Os diversos departamentos, na medida do possível, providenciarão a organização de uma exposição permanente, com um boletim informativo periódico.

Art. 7.^o — O Departamento de Educação e Ensino será a Associação de Educação Católica, sociedade civil com sede no Distrito Federal; como assim a União das Religiosas Enfermeiras do Brasil (UREB) integrará o Departamento de Assistência à Saúde, como órgão das Religiosas dedicadas ao apostolado nos hospitais.

CAPÍTULO II

Do Governo

Art. 8.^o — A Conferência é governada pela Assembléia Geral e pela Diretoria.

Art. 9.^o — A Assembléia Geral é constituída pelos Superiores Maiores, ou por quem os representar legitimamente. A Diretoria é formada por 7 membros, a saber: Presidente, que deverá ser sempre um provincial; Secretário Geral; Tesoureiro, e quatro Conselheiros, que também deverão ser provinciais.

Art. 10.^o — Compete à Assembléia Geral:

- a) — Eleger a Diretoria, de três em três anos;
- b) — Modificar os estatutos, para o que se exigirá maioria absoluta de votos, e proposta da Diretoria, préviamente notificada a todos os Superiores Maiores;

- c) — Examinar e aprovar os balanços apresentados pelo Tesoureiro;
- d) — Aprovar o regimento interno dos Departamentos;
- e) — Estudar os problemas da organização e realização dos planos elaborados

Art. 11.^o — Compete à Diretoria:

- a) — Convocar a Assembléia Geral, ordinariamente cada três anos, em via extraordinária, quando circunstâncias graves o exigirem;
- b) — Manter comunicação e articulação com o venerável Episcopado, em todos os setores e problemas de interesse comum dos Religiosos e da Hierarquia, por intermédio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil;
- c) — Elaborar o seu Regimento interno, bem como o dos Departamentos da Conferência, e submetê-los à Assembléia Geral, para a devida aprovação.
- d) — Encaminhar aos respectivos órgãos, para estudo, os problemas que ocorrerem.
- e) — Resolver os casos omissos nos presentes estatutos.

Art. 12.^o — Compete ao Presidente: a) representar a Conferência, ativa e passivamente, judicial e extra-judicialmente, nas suas relações com terceiros, constituir advogados e mandatários; b) gerir a administração ordinária; c) endossar e emitir cheques e ordens bancárias d) exercer o voto de qualidade.

Art. 13.^o — Compete ao Secretário Geral: a) substituir o Presidente, nas suas ausências ou impedimentos; b) gerir a administração ordinária, emitir e endossar cheques e ordens bancárias, em conjunto com o Presidente, ou isoladamente; c) superintender a atividade dos vários Departamentos e da sede central da Conferência.

Art. 14.^o — Compete ao Tesoureiro supervisionar a administração, de acordo com as instruções do Presidente, elaborando os balanços e as prestações de contas que se fizerem necessários, bem como estudar e propor à Diretoria os meios convenientes para a boa situação financeira e econômica da Conferência.

Art. 15.^o Aos outros membros da Diretoria se confiarão, de comum
acordo, os demais encargos da Conferência.

CAPÍTULO III

Do patrimônio e da administração

Art. 16.^o — O patrimônio da Conferência será constituído: a) por donativos ou legados; b) por renda, acaso existente, de seus bens e serviços; c) por subvenções dos poderes públicos; d) por bens imóveis que possa vir a possuir; e) por contribuição das comunidades associadas.

Art. 17.^o — O financiamento dos serviços da Conferência será feito segundo plano trienal, elaborado pela Diretoria e aprovado pela Assembléia Geral.

Art. 18.^o — Para contrair dívidas de qualquer natureza, bem como para alienar, onerar, hipotecar, transigir sobre bens imóveis, porventura existentes, o Presidente necessita do parecer favorável da Diretoria.

Art. 19.^o — Nem os membros da Assembléia Geral, nem os da Diretoria, nem o Presidente, nem as comunidades associadas, respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais da Conferência.

Art. 20.^o — A Conferência não remunera os membros de sua Diretoria, pelo exercício de suas funções; não distribui dividendos sob forma alguma; aplica integralmente o superavit, eventualmente verificado em seus exercícios, na manutenção e desenvolvimento das finalidades sociais.

Art. 21.^o — A Conferência não responde pelos compromissos assumidos pelas comunidades associadas, a não ser nos casos em que expressamente declarar fazê-lo, mediante instrumento idôneo, na forma das leis vigentes.

CAPÍTULO IV

Das disposições gerais

Art. 22.^o — A cidade do Rio de Janeiro é a sede da Diretoria e da Conferência.

Art. 23.^o — A Conferência é de duração indeterminada, e só poderá ser dissolvida por resolução de seus membros, em assembléia geral extraordinária, para isto expressamente convocada, com voto de ao menos 2/3 dos sócios presentes. Neste caso, a Assembléia decidirá, por maioria absoluta de votos, sobre a destinação a dar ao patrimônio e bens existentes.

Art. 24.^o — As determinações da Conferência terão o caráter de orientação e coordenação, de considerável força moral, e por isto serão acatadas por todos os membros, no intuito de se alcançar eficaz unidade de ação.

DO DEPARTAMENTO DE CATECISMO

O ensino do catecismo tem sido sempre na Igreja de suma importância. Há muito que a voz dos Pontífices se eleva, sempre mais frequente e mais solícita, chamando os padres e os fieis à ação catequística, insistindo sobre o primado do ensino do catecismo, especialmente em nossos tempos. Atendendo às páginas do Evangelho, cartas apostólicas e toda a história eclesiástica, vê-se claramente que o sacerdote de Cristo não é sómente um ministro do culto, um oficiante da liturgia, mas um educador, um formador de inteligências e de consciências.

Nesse sentido, os apóstolos, em obediência à ordem divina; Ide e ensinai a todos os povos... (Mat. XXVIII), davam tal importância ao magistério, que São Paulo chegou a afirmar: "Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar"

Citemos algumas frases mais significativas contidas nos documentos pontifícios sobre o primado do catecismo:

"Estas palavras, "apostolado do catecismo", são palavras que se completam bem. Os primeiros catequistas foram os apóstolos e o catecismo, o objeto do primeiro apostolado. Entende-se por catecismo uma formação particular de ensino, visando os elementos essenciais e principais da religião. Do ponto de vista histórico, é um conceito que remonta à catequese de um período muito próximo das origens do cristianismo. O apostolado pelo catecismo é o primeiro dos apostolados porque, antes de tudo, é preciso fazer o que o próprio Nosso Senhor ordenava aos apóstolos: "Euntes, docete", ide e ensinai..."

(Discurso de S. S. Pio XI — 13 de julho de 1933).

"Todo católico deve considerar o catecismo como o mais santo e o mais necessário de todos os ministérios" (Motu proprio: Orbem catholicum). "O fundamento de todo ministério sacerdotal é causa principal de seus frutos e progressos" (Carta da S. C. dos Seminários, 28 de agosto de 1929).

Pio XI insiste, falando de Pio X:

"Esse vigilante pontífice, depois de mostrar as vantagens do ensino do catecismo, vantagens que lhe são absolutamente especiais, atribui o enfraquecimento da fé à negligência no ensino da doutrina cristã ou à subtração ao cumprimento dêsse dever".

Em face da deschristianização e da assustadora ignorância do momento presente, que é ao mesmo tempo causa e efeito dessa deschristianização, da incompetência dos pais para a formação religiosa preliminar e a falta de professores de catecismo dotados de uma preparação séria, capazes de desempenhar eficientemente sua missão, devemos pensar que a necessidade de catequistas é mais urgente que nunca.

Os anos do Noviciado formam a religiosa, deixam mesmo o terreno bastante favorável, mas não formam a boa catequista. A boa vontade não é igualmente suficiente para ensinar o catecismo com êxito sendo pois necessário um complemento de formação.

Talento natural e habilidade adquirida, quando unidos, se completem: como existe um talento artístico, há um dom inato para a catequese. Isso porém não é frequente. De ordinário, é preciso esforçar-se honestamente para adquirir a competência e as atitudes de um bom catequista. Além disso, há obstáculos à eclosão das vocações; o Espírito Santo evidentemente as suscita; a idéia de catequese aflora muitas vezes à consciência; esse ideal, porém, morre antes de sua concretização.

Um dos obstáculos às vocações é o fato de o catequista não possuir a formação especial, sendo sua missão profundamente desvalorizada, pelo menos na prática. Não admira, pois, que se devote tão pouco respeito à sua vocação, uma vez que cada um sabe que se aprecia uma coisa na medida dos esforços que empreendemos para adquiri-la.

Uma formação prévia, portanto, faz-se necessária, a fim de que o catequista não seja inferior aos demais mestres leigos, sobretudo quando se trata do catecismo feito nas escolas. Essa necessidade de preparação se estende não só aos pais, leigos, mas aos próprios religiosos e religiosas.

O catequista deve possuir, como qualidade fundamental, um sentido profundo dos valores espirituais: valor de vida de fé, de esperança e de caridade os quais, se sabe, por um lado, dom de Deus e, por outro, desenvolvimento pleno da inteligência e da liberdade do homem. São esses valores conhecidos como realizáveis, já realizados em germe, que motivam o entusiasmo do catequista.

AGOSTO DE 1955

Ao lado dessa qualidade, outras são igualmente imprescindíveis, tais como, boa saúde, bom senso equilibrado, imaginação viva, inteligência clara, intuição psicológica, generosidade, facilidade no discorrer, certa juventude de espírito, etc.

Nem todos os catequistas possuem, por natureza, dons de simpatia, de penetração, de docura e de autoridade, de paciência e de tato que fazem os grandes educadores. Aquêles, como se disse acima, podem adquiri-los, pelo menos, desenvolvê-los suficientemente por meio de uma formação apropriada. Enfim, para que o catequista esteja apto, para desempenhar sua missão, deve ter um mínimo de experiência adquirida.

Não hesitamos em consagrar algum tempo, quando se trata de formar um professor de história ou de português. Por que somos nós tão mesquinhos com o Senhor? Por que não damos aos religiosos encarregados de ensinar o catecismo, a possibilidade de estar à altura de sua importante missão? Não pensemos que basta saber o catecismo; é preciso muito mais, para poder adaptar seu conhecimento aos alunos dos quais ele é encarregado.

O catequista não é necessariamente um teólogo. É um mestre da vida, incumbido de anunciar a Boa Nova de tal maneira que ela possa encantar, convencer, converter.

Devemos, então, nós e os Superiores mais que os outros, diante da grande responsabilidade, dar ou fazer dar um ensino catequístico que responda às necessidades de nosso tempo.

Devemos procurar formar catequistas, suscitar, encorajar, alimentar vocações.

O Espírito Santo inspira sempre e suscita na Igreja as respostas genuínas às necessidades do mundo. A necessidade de Deus é uma das maiores necessidades do nosso tempo. É preciso responder a este chamado e não deixar de ouvir a palavra de Deus: "Os pequenos têm pedido pão e não têm encontrado quem lhes dê o que necessitam".

Partamos o pão espiritual e demos aos meninos de Deus, mas um verdadeiro pão, substancial, desejado, que alimente a vida.

Rezemos, preparamo-nos.

Preparamos também os outros, tanto quanto depender de nós, a fim que eles sejam os operários da messe.

Madre Teresa de Cristo O.S.U.
Diretora do Departamento

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

Ao escrever este artigo para a Revista da Conferência dos Religiosos, temos uma dupla finalidade:

- 1 — apresentar o nosso Departamento e o seu trabalho;
- 2 — mostrar o esforço já feito pelas comunidades religiosas, no sentido da formação técnica dos seus membros, apontando a necessidade imediata de um maior número de Assistentes Sociais Religiosas.

Em rápido esboço, podemos dizer que o Departamento de Serviço e Assistência Social é o esforço da Conferência dos Religiosos, no sentido de ajuda às comunidades religiosas, no que diz respeito ao Serviço Social. Através de um corpo de Assistentes Sociais religiosas, se propõe o Departamento:

- I — Estudo e solução de casos enviados pelas diferentes Congregações;
- II — Assistência técnica às obras sociais através de planejamento de Serviço Social, Cursos Intensivos de Serviço Social às comunidades na sede da própria obra, e instalação do Serviço Social nas mesmas obras;
- III — Assistência técnica às Escolas de Serviço Social religiosas;
- IV — Cursos de Auxiliares Sociais para Religiosas;

V — Palestra de esclarecimento sobre Serviço Social e assuntos afins.

Estes diferentes pontos vêm sendo atendidos pelo nosso Departamento, na medida da procura por parte das Congregações, pois, a escassez de pessoal técnico, ainda não nos permite "sair à procura de trabalho".

Atualmente é mantida frequente correspondência com as Escolas de Serviço Social, estamos instalando o Serviço Social em uma obra de menores do Distrito Federal, são realizadas visitas de orientação à outras obras de assistência a menores e, aos terceiros domingos de cada mês, é feita uma palestra sobre Serviço Social às religiosas que comparecem à Reunião que tem lugar na Faculdade Santa Ursula.

Como última iniciativa que vem merecendo todo o apoio de várias Superiores Religiosas, temos o Curso de Auxiliares Sociais, iniciado a 21 de maio último com um total de 30 inscrições.

O referido curso está assim planejado:

Máterias —	Introdução ao Serviço Social	13 horas
	Serviço Social de Casos Individuais	18
	Noções de Direito	13
	Técnica de Grupo (Recreação)	18

Especializações — A turma se separa em grupos, de acordo com o interesse, a saber:

Para religiosas que se ocupam de menores:

Serviço Social de Menores	11 horas
Aspectos Psico-Pedagógicos da conduta do menor	6 horas

Para religiosas que se ocupam de obras de assistência à família —

Serviço Social de Família	11 horas
Educação Familiar	6 horas

Para religiosas que se ocupam de obras de assistência médica —

Serviço Social Médico	11 horas
Aspectos Médico Sociais das Moléstias	6 horas

Duração do Curso — 21 de Maio a 30 de Novembro.

Estágio Prático — 200 horas — O estágio é necessário à boa assimilação da teoria. As religiosas farão as horas destinadas ao estágio na própria obra de sua residência, sob a supervisão do Departamento.

AGOSTO DE 1956

Horário — sábados, de 13,30 às 16,30. Depois desta hora uma das Religiosas do Departamento estará à disposição das alunas para consultas.

Ao final do Curso as Religiosas receberão um Certificado de "Auxiliar Social" expedido pela Escola de Serviço Social do Instituto Social, complementar da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, estando habilitadas a se desencumbir de maneira satisfatória das tarefas mais simples do Serviço Social.

Mas, o que vem a ser este Serviço Social que de algum tempo para cá sóa e ressoa aos nossos ouvidos?

SERVIÇO SOCIAL, numa definição comumente usada, é "um trabalho social, organizado e educativo, feito por técnicos especializados".

Por esta definição se notam as características essenciais do moderno Serviço Social a saber:

Organização — trabalho feito tendo por base um plano e este, por sua vez, baseado no estudo da realidade, do meio a socorrer, do assistido a ajustar;

Educação — buscando as causas dos desajustamentos para curá-las. De que serve à pobre a esmola de hoje se a necessidade continua? de que serve o conselho, se não damos ao assistido a vontade de ser melhor, e se não fortalecemos esta vontade?

Como disse alguém, "Serviço Social é a metodização da Caridade" requerida pela nossa época. Antigamente não era preciso um curso especializado para ser professor ou enfermeira, hoje já se exigem estudos superiores. Por que não para o Serviço Social?

Há 18 anos foi fundada a primeira Escola de Serviço Social no Brasil, e desde então se tem caminhado, procurando dar ao Serviço Social o verdadeiro sentido técnico e humano que deve caracterizá-lo. Hoje já existem espalhadas por todo o território nacional 22 Escolas de Serviço Social. Neste campo o esforço católico e religioso tem um de seus pontos altos como prova a seguinte estatística:

Escolas de Serviço Social dirigidas por leigos católicos	6	
" " " " " Religiosas	9	15
Escolas leigas do governo	3	
de particulares	4	7
Total		22

Nestas escolas formam-se, por um Curso Teórico-Prático de três anos, aqueles técnicos que vão orientar os serviços de assistência social de obras de menores, de hospitais e ambulatórios, de centros sociais de favelas, de fábricas, de zonas rurais, etc. Estes serviços, uma vez bem organizados e orientados, vão render mais para os assistidos e para a comunidade em geral, apresentando menores problemas. Para confirmar isto citaremos dois exemplos:

— Uma religiosa telefonou-nos, dizendo lutar há 8 meses com uma pensionista que apresentava um sério estado neurótico, perturbando a disciplina do pensionato e inquietando as Irmãs, sem falar na falta de pagamento da respectiva mensalidade. Enviamos, para tratar do caso, uma Assistente Social, que em dois dias conseguiu levar a moça ao médico, interná-la em hospital especializado e requerer ao I. A. P. C. o auxílio a que tinha direito, afim de reembolsar as Irmãs.

— Num educandário para menores desvalidas toda disciplina melhorou com a instalação do Serviço Social (Depoimento das Irmãs).

Há muito compreenderam os Superiores Religiosos a necessidade de ter pessoal diplomado à frente de suas Obras. Urge, entretanto, um maior esforço. As Obras Sociais ainda são, na sua maioria, católicas e dirigidas por religiosos, mas as Escolas de Serviço Social formam anualmente leigos e pouquíssimos religiosos. O ensino de Serviço Social já está hoje regulamentado em nível superior, e já há no Congresso um projeto de lei regulamentando o seu exercício. Em breve, portanto, chegará o momento em que só Assistentes Sociais diplomadas poderão assumir a responsabilidade das obras sociais. E nossas Obras Sociais, por falta de pessoal religioso diplomado, terão que contratar leigos o que pesará sobre os orçamentos já tão sobrecarregados e o que sempre causará alguns problemas, por mais católicos e mais bem formados que sejam estes leigos.

Em breve visão estatística, demonstramos abaixo a situação brasileira dos Assistentes Sociais diplomados e dos que se preparam para tal, fazendo uma comparação entre os leigos e os religiosos:

Escolas	N.º das formadas até o presente		N.º de concluintes em preparação do Traba- lho de Conclusão de Curso. (1)		N.º das alunas cursan- do atualmente	
	Leigas	Religiosas	Leigas	Religiosas	Leigas	Religiosas
Escolas Religiosas						
Maranhão	—	—	7	7	74	—
Fortaleza	4	—	13	4	55	5
Sergipe	—	—	—	—	86	2
José Pessoa	—	—	10	1	28	—
Rio de Janeiro	119	14	40	2	42	8
Rio de Janeiro (2)	21	—	20	—	64	—
Campinas	29	17	8	2	34	9
Porto Alegre	107	2	13	—	39	3
Escolas Católicas						
Natal	10	1	37	4	31	—
Recife	10	—	43	—	22	2
Salvador	29	—	21	—	17	—
Belo Horizonte	37	2	71	1	56	4
São Paulo (3)	305	6	45	1	104	3
Escolas Leigas						
Do Governo (4)	—	—	—	—	—	—
Rio de Janeiro	14	—	30	—	26	—
Estado do Rio	91	*	21	—	58	—
Particulares (5)	—	—	—	—	—	—
Manaus	100	—	38	—	29	—
Total	885	42	484	15	739	33

Temos, portanto, que de 927 Assistentes Sociais diplomadas, 42, ou seja 4,5 por cento são religiosas. De 499 concluintes que preparam o Trabalho de Conclusão de Curso, 15, isto é, 3 por cento são religiosas. E do total atual de 772 alunos de Escolas de Serviço Social apenas 33 (4,3 por cento) são religiosos.

Pela estatística acima nota-se perfeitamente que nestes três últimos anos aumentou o pessoal religioso que estuda Serviço Social, de vez que 33 religiosas cursam atualmente escolas especializadas que, em 18 anos formaram apenas 42 religiosas, estando ainda 15 preparando o Trabalho de Conclusão de Curso.

(1) — Alunos que acabaram o 3.º ano mas ainda não obtiveram o diploma, para o que se exige apresentação e defesa oral de um Trabalho de Conclusão de Curso.

(2) — Exclusivamente masculina.

(3) — Deixamos de apresentar os dados da Escola de Serviço Social masculina de S. Paulo.

(4) — Não obtivemos os dados de uma Escola do Governo — com sede no Distrito Federal.

(5) — Não obtivemos os dados da Escola do Pará, e de mais duas com sede no D. Federal.

Os totais, dos quais não constam algumas Escolas leigas, nos mostram que de 2.108 Assistentes Sociais formadas ou cursando Escolas de Serviço Social, apenas 90, isto é 4,3 por cento, são religiosas.

Fica o nosso apelo aos Superiores Maiores Religiosos do Brasil, no sentido de voltarem suas vidas para este problema, com o qual lhes acenhamos e, na medida de suas possibilidades dotarem as comunidades dos técnicos religiosos que no futuro tornarão mais organizado e mais educativo o respectivo trabalho social.

A. M. D. G.

Araci Cardoso
Diretora do Departamento

SERVICO DE PROCURATÓRIOS

Por Laercio Leopoldino,
Diretor dos Serviços da Conferência

(Continuação do número anterior)

O simples fato de uma entidade, ou um particular, passar uma procuração, estabelece entre as duas partes um contrato, chamado de mandato, regulado pelo Código Civil (Título V, capítulo XII), criando para o mandante e o mandatário, direitos e deveres. Não é nossa intenção, nesta página de informações, tecer considerações teóricas sobre a procuração e o mandato. Nosso objetivo é prático, de dar as normas para se redigir bem uma procuração, e para se escolher um bom procurador.

O instrumento de mandato pode ser particular ou público. Particular é a procuração de próprio punho, que, para ser válida, perante terceiros, deverá ter firma e letra reconhecidas (Art. 1.289, § 4º do Código Civil). Público é o instrumento de procuração feito em cartório. Para qualquer processo em Ministério Federal, serve a procuração de próprio punho, que além do reconhecimento de firma, deve ser estampilhada com Cr\$ 3,00, mais o sêlo de

educação e saúde. A procuração pode ser dada para assuntos administrativos, ou para questões judiciais; tanto pode fazer o procurador, quando lhe autoriza o outorgante da procuração.

Três elementos são indispensáveis na redação da procuração: a qualificação de quem outorga o mandato, a designação de quem o recebe, e a descrição dos poderes concedidos. O Código Civil, art. 1.289, § 1.º, assim descreve os elementos da procuração: "O instrumento particular deve conter designação do Estado, da cidade ou da circunscrição civil em que fôr passado, a data, o nome do outorgante, a individualização de quem seja o outorgado, e bem assim o objetivo da outorga, a natureza, a designação e extensão dos poderes conferidos".

Uma é a procuração que se faz em causa própria, para tratar de interesses e negócios próprios; outra é a procuração que passa o diretor ou superior de uma instituição, para tratar dos interesses da mesma instituição, e não seus particulares. A procuração para se fazer o processo de um registro de professor, é pessoal; a procuração para um processo de subvenção é da entidade, não do seu diretor, pois quem foi contemplado com a verba não foi o superior pessoalmente, mas a instituição que ele dirige e representa.

Quando se quer fazer uma procuração em nome de uma entidade, é preciso ver quem tem poderes, segundo os seus estatutos, para a representar, em suas relações com terceiros. Normalmente esta representação é feita pelo diretor, superior, ou presidente, sozinho. Outras vezes, os estatutos, mais complicados, estabelecem uma representação conjunta, ou previamente autorizada, ou dão a representação ao diretor da instituição, e não ao presidente da associação. É preciso portanto que o superior, ao tomar a direção de uma casa, conheça os estatutos civis que a regem.

Se a procuração dá poderes para o procurador agir num determinado Ministério, suponhamos, o da Educação, não servirá para um processo no Ministério da Justiça. Se dá poderes sómente para o processo de determinada verba ou subvenção, está claro que deixa de ter valor, uma vez terminado este processo. Devemos observar também que a procuração é um documento que acompanha cada processo. Não basta uma única procuração, para se tratarem assuntos diversos, em ministérios diferentes. É aconselhável fazer-se uma procuração para cada processo. Este é um erro em que comumente caem os superiores de instituições religiosas. Já mandaram, há alguns anos, uma procuração, e entendem que com esta o procurador poderá fazer tudo. Não. Aquela procuração foi anexada àquele determinado processo, que terminar, foi mandado para o arquivo. Pode-se, com uma única procura-

ção, agir em processos diversos do mesmo ministério. O que não é entretanto, aconselhável, pois se deverá fazer, em cada processo, indicação daquela em que se encontra o instrumento de procuração, obrigando o funcionário a requisitar este processo, para examinar a procuração.

E' de se notar também que, para se receber qualquer importância para a instituição, é necessário que a procuração dê poderes explícitos para isto. Observe-se que, no sistema atual da contabilidade pública, no Brasil, apenas um Ministério faz pagamentos: o da Fazenda. Os demais Ministérios fazem o processo, examinam a legalidade do pagamento, da instituição que vai receber, e depois encaminham ao da Fazenda, que efetua o pagamento, diretamente no Rio, nas Delegacias Fiscais pelos Estados, ou pelo Banco do Brasil, conforme o caso. Não tem valor portanto uma procuração que autoriza a receber a subvenção no Ministério da Educação ou da Justiça. Quem vai pagar é o da Fazenda, e para este devem vir os poderes. No interesse da própria instituição, é aconselhável que os poderes dados sejam amplos, e para todos os Ministérios. Naturalmente, poderes amplos só se conferem a procuradores de absoluta confiança, pois todos os atos praticados pelo procurador, munido do competente instrumento, são atos da própria instituição que outorgou poderes, sempre que o procurador age dentro dos limites que lhe foram marcados, na procuração.

De acordo com estes princípios, chegamos à elaboração dos dois modelos seguintes, que satisfazem às necessidades de qualquer processo nos Ministérios do Governo Federal.

Primeiro modelo — procuração individual, para processos escolares.

Procuração. Pelo presente instrumento de procuração, de próprio punho feito e assinado, eu, José Ludovico da Assunção, brasileiro maior, residente à Rua Marechal Deodoro n.º 59, nesta cidade de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul, nomeio e constituo meu bastante procurador o Sr. José Abrantes da Fonseca, brasileiro, maior, residente à Rua do Hipódromo n.º 50, na cidade do Rio de Janeiro, para o fim especial de tratar dos meus interesses junto aos Ministérios do Governo Federal, ou onde for necessário, podendo para isto fazer requerimentos, juntar ou retirar documentos, promover recursos, fazer declarações, e tudo o mais que se fizer necessário para o bom e fiel desempenho do presente mandato, que poderá ser substabelecido em quem lhe convier. Datar e assinar sobre Cr\$ 3,00 mais educação e saúde, reconhecer a firma.

AGOSTO DE 1956

Com esta procuração, o procurador poderá movimentar qualquer interesse pessoal, de caráter administrativo, de quem a passou. Não poderá receber por ele nenhuma importância. Para isto se exigiriam poderes explícitos. Não poderá agir por ele em processo judiciário, porque isto também exige poderes explícitos.

Segundo modelo — procuração da entidade, para um processo de subvenção.

Procuração. Pelo presente instrumento de procuração, de próprio punho feito e assinado, eu, José Pacheco da Silva, brasileiro, maior, residente à Rua Santos Dumont n.º 54, nesta cidade de São Gotardo, Estado de Minas Gerais, na qualidade de Diretor do Colégio Ipiranga, de acordo com os Estatutos do mesmo, nomeio e constituo meu bastante procurador o Sr. Antônio Lima dos Santos, brasileiro, maior, contador, residente à Rua do Cedro, n.º 45, no Distrito Federal, para o fim especial de tratar dos interesses do mesmo Colégio Ipiranga, de São Gotardo, junto aos Ministérios do Governo Federal, no Rio de Janeiro, ou onde for necessário, podendo para isto dar ou reber quitações, receber auxílios e subvenções, fazer requerimentos, juntar ou retirar documentos, assinar acordos e contratos, promover recursos, e tudo o mais que se fizer necessário para o bom e fiel desempenho, do presente mandato, que poderá ser substabelecido em quem lhe convier. Datar e assinar, sobre Cr\$ 3,00 mais educação e saúde, reconhecendo firma e letra.

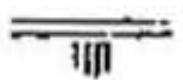
Desnecessário observar que os nomes dos dois modelos são fictícios.

Convém sempre indicar a profissão do procurador. A cláusula de poder substabelecer, pode ser incluída ou não, à vontade de quem passa a procuração, e de acordo com a necessidade do trabalho a ser realizado. Normalmente, em processos nos Ministérios, quando o procurador é o chefe de uma organização ou de escritório, convém incluir a cláusula de substabelecimento, que permitirá aos seus auxiliares agirem também, se necessário.

Uma nova procuração cassa todas as anteriores. Chamamos a atenção sobre este ponto, porque é importante. Vale sempre a última procuração. Mas o procurador anterior deve ser notificado pela instituição (Código Civil, capítulo XII, seção IV). Informamos também que não há necessidade de a procuração ser passada em folha dupla. Aliás, toda a documentação para os Ministérios. Já se foi o tempo em que era de estilo a folha dupla. Hoje, tudo folha simples. As folhas em branco atrapalham o processo. Observamos ainda que os modelos que apresentamos são bons para processos junto aos Ministérios do Governo Federal. Para negócios de imóveis — compra e venda de uma casa, por exemplo, procuração que dá um religioso consentindo em que seu pai venda um terreno ou uma casa para um seu irmão ou

cunhado — obedecem a outros requisitos. Nestes casos convém consultar préviamente um advogado, ou o próprio tabelião. Nossa Departamento Jurídico está à disposição das comunidades religiosas, para tudo o que lhes puder interessar e estiver ao nosso alcance.

No próximo número voltaremos a escrever sobre subvenções federais, estudando um processo para subvenções extraordinárias. Reafirmamos nosso objetivo nesta coluna. Não é o de fazer preleções de direito civil, ou de direito administrativo. Dentro da exatidão das normas do direito, nosso intento é orientar as instituições na preparação de seus documentos, para que não haja embaraços nos processos. Por isto mesmo é que terminaremos sempre nossas exposições com modelos dos documentos a preparar.



DA ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO

MICHAEL SCHIMAUS

(Prof. de Teologia da Universidade de Munich)

Tradução e Adaptação de Sr. M. Magua Ungund (Dr. Philos)

Com prefácio de D. Mário De Miranda Vilas-Boas
Arcebispo de Belém do Pará

Eis um livro que resume o Credo católico e apresenta a primazia da Caridade, força motriz do Cristianismo.

Dirigido ao homem deste século, fala-lhe, em linguagem simples e sugestiva, da profundez da vida íntima do Deus Trino, do mistério do Amor, essência da Igreja, fonte de dinamismo e centro de irradiação de qualquer amor da criatura.

Propositadamente foram evitadas argumentações teológicas complicadas e sutis; procura antes, o autor expor as verdades mais sublimes e profundas da nossa Fé sob um aspecto novo em sua importância vital, e interpretar os problemas mais atuais e cruciantes da existência cristã.

Sobre este livro assim se referiu o Mons. José Landim:

"Arranjou Schmaus roupa nova que deu ares da época ao que sempre trajou vestes talares, catapuça de grossaria e eoturnos de bordaduras reluzentes... Torna-se porém necessário ler as páginas com vagar, morosamente, se queremos apanhar a profundidade, a extensividade e a elevação dos pensamentos do autor".

A edição está sendo vendida em benefício da Construção do Colégio Vera Cruz, de Recife, da Irmã Missionária da Imaculada Conceição.

Pedidos ao Colégio Vera Cruz - Rua Dom Bosco, 1853 - Recife - Pernambuco.
Preço 60,00

SERVIÇO DE NOVAS FUNDAÇÕES

Chegaram à Conferência dos Religiosos as seguintes propostas:

1 — SÃO GOTARDO, Estado de Minas Gerais, Oeste, a cento e poucos quilômetros de distância de Araxá. Há uma Santa Casa, com duas enfermarias pequenas, e um asilo para órfãos, com capacidade para cerca de cem meninas. O povo da cidade procura religiosas para estas duas obras. A cidade tem perto de 6.000 habitantes e o município, mais de 20.000. Zona muito próspera e rica, com pecuária, várias fábricas de laticínios, zona cafeeira, com boa produção, em quantidade e qualidade. População toda católica. Ótima fonte de vocações religiosas e sacerdotais. Diocese de Aterro. Seriam necessárias pelo menos seis irmãs para as duas obras.

2 — NEPOMUCENO, no Sul de Minas Gerais, próximo de Lavras. O Vigário e os Médicos desejam Irmãs para a Santa Casa da cidade. Servida por boa estrada de rodagem, zona próspera, e boa para o recrutamento de vocações religiosas.

3 — MACEIÓ, Alagoas. Hospital do Instituto do Açúcar e Álcool. 80 a 100 leitos. Todo equipado e pronto. De 6 a 8 Religiosas. Entender-se com Dom Eliseu Mendes, Bispo Diocesano de Mossoró, Rio Grande do Norte.

4 — IBIPORA, Estado do Paraná, Diocese de Jacarezinho. Ginásio feminino, começando com escola primária. Há atualmente uma casa de madeira, como é uso na região. O vigário doará um terreno e as religiosas terão liberdade de desenvolver suas atividades sociais e educativas. O local fica a 8 quilômetros de Londrina, ligado a esta por estrada de rodagem asfaltada, com condução fácil, já havendo um ônibus circular "Londrina-Ibiporá". Há absoluta falta de ginásios femininos e muita possibilidade financeira. Possibilidade de cultivo de boas vocações. Há no local uma casa religiosa dos Padres do Pontifício Instituto das Missões Extranjeras, que prestam toda assistência religiosa. Há muita influência dos protestantes em Londrina, onde possuem um ginásio e vários templos.

5 — CRAVINHOS, Estado de São Paulo, Diocese de Ribeirão Preto. Santa Casa, hospital e maternidade, com um total de 60 leitos. Tudo já pronto, clausura, capela, e remuneração conveniente para as Irmãs, que deverão ser pelo menos três. Cravinhos é uma das mais fervorosas paróquias da Diocese, com vigário muito zeloso. Ótima água e clima bom. 782 metros de altitude. A Santa Casa dista apenas 300 metros da matriz. Fácil comunicação com São Paulo. Há campo para boas vocações.

6 — VOLTA REDONDA, Estado do Rio, diocese de Barra do Piraí. Cidade com 60.000 habitantes, dos quais 12.000 são operários da Companhia Siderúrgica Nacional. Há já três paróquias, atendidas pelos Padres do Verbo Divino. Há necessidade de se criar uma outra ainda. Não há dificuldades para terreno, para a casa paroquial, nem para a construção da Igreja Matriz.

7 — TRÊS LAGOAS — Mato Grosso — na linha da Noroeste do Brasil — A Paróquia oferece uma quadra (100 m x 100 m), pertencente atualmente à Congregação Salesiana, com licença dos Superiores e desejo expresso do Bispo Diocesano, para a Congregação de Religiosas que quiser se dedicar à educação e assistência moral e religiosa das crianças na cidade, a qual tem necessidade urgente deste amparo, devido à ameaça protestante e espiritista. A Paróquia fará construir o primeiro pavilhão do Colégio e Patronato. Para estabilização e apoio financeiro às Religiosas, a Paróquia pode dispor de mais uma quadra de terreno, que uma benfeitora oferece generosamente à Congregação que quiser vir a esta cidade, de 8.500 habitantes. A Paróquia é atendida por dois padres salesianos. Um deles poderá atender à nova comunidade de religiosas. A cidade possui amplo e moderno Hospital, pertencente à Mita. Diocesana, e atualmente entregue às Irmãs Salesianas, as quais eventualmente o poderiam passar a outra Congregação, se houver interesse no caso. A cidade está situada à margem direita do Rio Paraná, entre São Paulo e Mato Grosso, sendo servida de trens diárias para São Paulo, de avião para São Paulo e Rio. Existe regular movimento de operários, devido às oficinas da Estrada de Ferro Noroeste.

(a) Pe. João Tomé S. D. B., Vigário de Três Lagoas.

8 — BELO HORIZONTE — Minas Gerais — Cidade Jaraguá Eldorado, em construção loteamento de Compax Importação, Exportação e Vendas S. A., com sede à Avenida Amazonas, 315, 7.º andar, em Belo Horizonte, e Matriz no Rio de Janeiro, Avenida Churchill, 129, sala 308. O local segue imediatamente à Cidade Industrial, e dista apenas 8 quilômetros do Centro Comercial de Belo Horizonte, ao qual está ligado pela Avenida Amazonas, ampla via pavimentada. Destina-se a nova cidade-satélite a funcionários de escritórios, engenheiros e técnicos de fabricação e diretores de estabelecimentos fabris situados na Cidade Industrial, que poderão assim residir próximo ao local de trabalho, dispondo de todos os recursos necessários para si e para a própria família. O loteamento tem área reservada para construção da Igreja paroquial, já aceita pelo Sr. Arcebispo de Belo Horizonte. A Companhia faz doação de duas áreas, de 25.000 m² cada uma, a congregações religiosas que se dispuserem a construir lá um colégio masculino e outro feminino. Para os entendimentos posteriores, dirigir-se à Conferência dos Religiosos, ou diretamente à Compax, apresentando este número da nossa Revista.

COMUNICAÇÕES DIVERSAS

DESEJAM VIR PARA O BRASIL as Irmãs da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, fundadas em 1853, na França. Trabalham em escolas, hospitais, asilos de velhos, visita aos doentes. São de direito pontifício, de espiritualidade eudista, e espalhadas na França, Países Baixos e Canadá. Paramé, na Bretanha Francesa, é sede da casa-mãe; e Joliette, no Canadá, é sede casa provincial para aquela nação. Podem dispor, para começo da obra, de três irmãs. Desejam trabalhar desde logo no recrutamento de novas vocações.

Contribuições de 1955 das Comunidades e Províncias, para a Conferência — Até esta data, de mais de 4.000 comunidades religiosas associadas, já recebemos a contribuição de pouco mais de mil. Agradecemos reconhecidos a todos, e esperamos o apoio dos que ainda faltam. Estamos insistindo um pouco neste ano — o que não fizemos no ano passado — porque os compromissos da Revista e do Anuário não são leves. Estamos certos de não pesar a ninguém, uma vez que é tão pequena a contribuição, e anual. Com a primeira viagem feita por intermédio do nosso serviço, a casa religiosa terá, em bonificação, importância maior que a da contribuição que nos vai enviar.

BOLSAS, PARA RELIGIOSOS E RELIGIOSAS, no curso de Artes Industriais — O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial pôs à disposição da Conferência dos Religiosos 10 (dez) matrículas, na Escola de Indústrias Químicas e Têxteis, no bairro do Jacaré, no Distrito Federal. As atividades ensinadas no curso são: Tecelagem, Cestaria, Modelagem, Metal, Madeira, Desenho e História da Arte. As religiosas podem escolher as atividades que desejarem. O ano letivo começa, todos os anos, em fins de abril, e se prolonga até dezembro. As aulas são ministradas de 8 às 17 horas, podendo os alunos almoçar na própria escola. Ao fim do curso, os aprovados alcançam um diploma que lhes assegura o registro de trabalhos manuais.

CURSO DE ESTATÍSTICA, exclusivamente para Religiosos e Religiosas, nos meses de Janeiro e Fevereiro. Como nas últimas férias, também nas próximas a Escola Nacional de Ciências Estatísticas, por gentileza de seu Diretor, Prof. Dr. Lourival Câmara, oferecerá aos religiosos um curso de nível intermediário, reconhecido pelo Conselho Nacional de Estatística, que confere, ao final, o competente certificado. As matérias lecionadas são: Matemática, Estatística, Mecanografia e Geografia. O curso é gratuito, sob a forma de bolsas concedidas pela Escola aos Religiosos. Inscrições na Conferência dos Religiosos.

Correspondência do Departamento de Estatística — Até esta data (10-7), ainda não chegaram ao Departamento as respostas ao nosso último inquérito, sobre colaboração dos religiosos na cura de almas (na paróquia e na diocese), das seguintes províncias: Agostinianos da Assunção, Distrito Federal; Beneditinos de Valombrosa; Capuchinhos, províncias de Recife e Distrito Federal; Carmelitas Descalços, das três províncias; Companhia de Jesus, Recife; Missionários da Consolata, Boa Vista; Coração Imaculado de

Maria, Distrito Federal; Padres da Divina Providência; das Divinas Vocações; Frades Menores Conventuais, Distrito Federal; Frades Menores, de Belterra, Anápolis, Olimpia, Araguari; Conegos Lateranenses; Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras; Padres de Nossa Senhora das Mercês; Oblatos Diocesanos; Padres do Preciosíssimo Sangue; Conegos Premonstratenses, Montes Claros; Missionários do Sagrado Coração de Jesus, do Distrito Federal; Padres do Sagrado Coração de Jesus; Eremitas de Santo Agostinho, de Campina Verde; Eremitas Descalços de Santo Agostinho; Recoletos de Santo Agostinho; Missionários de São Carlos, as duas províncias; Ordem Terceira Regular de São Francisco; Pia Sociedade de São Francisco de Sales (Padres Salesianos), do Distrito Federal; Clerigos Regulares de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo. Solicitamos à secretaria destas Províncias queiram enviar, o mais breve possível, as informações pedidas, para que o Departamento possa concluir os estudos iniciados para a Nunciatura Apostólica.

Inquerito sobre as paróquias confiadas aos religiosos. — O Departamento de Estatística, a pedido da Nunciatura Apostólica, enviou a todas as paróquias confiadas a religiosos, um questionário, para fazer um levantamento e proceder aos estudos necessários. Até a presente data (10-7) ainda não recebemos as informações das seguintes paróquias:

Agostinianos da Assunção: Paróquias de São Sebastião, em Eugenópolis; Alem Paraíba; Jales; São Paulo, bairro de Gomes Cardim; Itaquera. *Sociedade do Apostolado Católico:* São Pedro, em Arroio Grande; São José, em Magalhães Bastos, Distrito Federal; as duas paróquias de Faxinal do Soturno; São Paulo, em Ibarama; da SSma. Trindade em Nova Palma; de São Marcos, em Novo Tréviso; de São José, em Pejuçara; Corpus Christi, em Vale Veneto; Nossa Senhora Imaculada Conceição Aparecida, em Arapongas; Santo Antônio, em Cambé; Bom Jesus, em Carlopólis; Cristo Rei, em Cornélio Procópio; Cristo Rei, em Curitiba; Santa Teresa, em Iepê; Nossa Senhora da Conceição Imaculada Aparecida, em Marialva; São Sebastião, de Presidente Prudente; do Espírito Santo, de Ribeirão Claro; Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos, de São Paulo; São João Batista, de São Paulo; de São Pedro, em São Paulo; Sagrado Coração de Jesus, de Londrina.

Congregação Beneditina Hungara: Paróquia de Santo Estevão, em São Paulo. *Congregação Beneditina Olivetana:* paróquia de Jardinópolis; de Santo Antônio, em Rio Brilhão Preto; de São Paulo, em Vila Esperança; Serrana.

Continuaremos, no próximo número, nesta página, a lembrar os que ainda não nos enviaram o questionário devidamente preenchido, pois, pelo atraso, julgamos não terem recebido nossa correspondência.

Do Serviço de Viagens. — Prevenimos aos Religiosos e Religiosas que viajam sobre pretensos descontos ou facilidades que não raro lhes são oferecidos por companhias de transporte ou agências de turismo. Temos verificado vários casos concretos, em que o religioso viaja, ficando a dever favores, e tendo pago o preço comum de tarifa ou então bonificações irrisórias. Queiram consultar, no próprio interesse, o nosso Departamento de Viagens.

Correspondência do Serviço de Procuratórios

I — Documentos necessários para recebimento, no Tesouro Nacional, das imensidades do SAM. Temos necessidade, para este setor, de procuração, e prova de mandato

AGOSTO DE 1955

de quem passa a procuração. A procuração deve dar poderes para receber, no Tesouro Nacional, qualquer importância destinada à Instituição, dando a respectiva quitação. O mandato deve provar que quem passou a procuração tem poderes para representar a Instituição e de receber por ela. A melhor forma, e mais prática, é o atestado, passado pelo coletor federal. Esta prova de mandato caduca a cada seis meses, devendo ser renovada. Desde já pedimos às instituições filiadas ao nosso serviço, que nos mandem a prova para os recebimentos do segundo semestre. Recomendamos solicitude. Temos no Tesouro, processos ultimados, várias mensalidades, bloqueadas, por falta de procuração e mandato, que por carta já solicitamos às entidades.

2 — Desde fins de Maio último, a Divisão de Orçamento do Ministério da Justiça enviou, às Delegacias Fiscais dos Estados, ordem de pagamento das subvenções ordinárias do corrente ano. Na mesma semana nosso Serviço comunicou, por carta aérea, a todos os interessados. Queiram portanto providenciar logo, junto às Delegacias, o recebimento, não deixando as verbas ficar em restos a pagar, o que exigiria novas autorizações do Rio de Janeiro. Colhemos a oportunidade para fazer chegar ao Dr. Fernando Bessa de Almeida, e ao grupo de funcionários que com ele trabalham na D. O., a expressão do reconhecimento de todas as entidades religiosas beneficiadas.

3 — Não foram pagas, por falta de prestação de contas da subvenção anterior, as verbas ordinárias, do Ministério da Justiça, das seguintes instituições: Instituto Santa Teresinha, de Salvador; Escola Infantil Padre Venâncio, Recife; Escola Profissional Padre Venâncio, Recife; Escola Dr. Aderval Figueiredo, do Instituto Maria Auxiliadora, de Natal; Instituto Maria Auxiliadora das Irmãs Salesianas, de Natal; Patronato Agrícola Antônio Alves Ramos, de Santa Maria; Obras Sociais da Paróquia de Itajai; Jardim de Infância Padre Rossi, de Nova Trento; Escola Salesiana São José, de Campinas; Instituto Santa Maria Mazzarello, de Piquete; Orfanato Santa Maria Mazzarello, de Piquete. Destas Instituições ainda (10-7) não recebemos os documentos, já solicitados, para a prestação de contas. Queiram enviar-nos o mais breve possível.

4 — Quanto aos documentos para habilitação de subvenções extraordinárias, quer do Ministério da Justiça como do Ministério da Educação, de várias instituições associadas à Conferência: já reiteramos, repetidas vezes, por carta aérea, o pedido de juntasse dos papéis necessários. No próximo número, nesta coluna, começaremos a indicar o nome das instituições retardatárias, por julgarmos que não estão recebendo nossas cartas.



CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

Conferência dos Religiosos — Estiveram em visita à sede da Conferência dos Religiosos o Revmo. Pe. Wilfrid Dufaillt, Superior Geral dos Padres Agostinianos da Assunção, vindo de Roma para visitar as 10 casas de sua Ordem no Brasil, e para o Congresso Eucarístico. S. Revma. se entreteve demoradamente com o Secretário Geral, informando-se da situação dos religiosos em nossa terra, particularmente no tocante às vocações e à formação dos elementos novos. Esteve também em visita à Conferência, com o objetivo de estudar a possibilidade de mais uma fundação de sua Congregação, a Revda. Madre Maria Pia Bach, Superiora Geral das Franciscanas de Dillingen.

BEATIFICAÇÃO DO PADRE MARCELINO JOSE' HENTO CHAMPAGNAT, fundador da Congregação dos Irmãos Maristas — A 29 de Maio, domingo de Pentecostes, realizou-se, na Basílica de São Pedro, a glorificação deste humilde religioso, suscitado por Deus para recristianizar o mundo, após a tremenda devastação religiosa, provocada pela Revolução Francesa.

As 10 horas, S. E. o Sr. Cardeal Frederico Tedeschini, leu o decreto da beatificação, diante de uma imensa multidão que se aglomerava no vasto templo, para honrar o grande Educador da Mocidade, representado na Glória de Benini, por Vardens.

As 18,20 horas, o Santo Padre acompanhado de altos Dignatários do Vaticano, dirige-se para a Capela da Pietá, onde o esperam 15 cardinais. Forma-se o cortejo. Pio XII, da séria gestatória abençoa a maior aglomeração de fiéis que já houve em Roma depois da canonização de Pio X. No altar da Catedral, o Papa assiste à bênção do Santíssimo, invocando o novo Beato. Após esta cerimônia, o Revmo. Irmão Alessandro, Postulador da Causa, acompanhado do Revmo. Irmão Leonidas, Superior Geral dos Irmãos Maristas e outros superiores maiores, oferece ao Santo Padre um artístico Relicário de prata e outros presentes. O Augusto Pontífice os recebe com paternal reconhecimento.

Depois deste ato, o Santo Padre dirige-se, com particular afeto, a um grupo de 2.000 professores de Roma, que lhe agradeciam por acontecimento tão memorável nos fastos da educação cristã. Entusiasticamente ovacionado pela enorme multidão, o soberano Pontífice retira-se da Basílica.

Além dos membros do Sacro Colégio, de altos Dignatários da Cúria Romana, achavam-se presentes 30 arcebispos e bispos, numerosos membros do corpo diplomático, destacando-se os dois ex-alunos Maristas: o Sr. Antônio Pinay, Ministro do Exterior da França e o Sr. Fernando María Castiella e Matz, Embaixador da Espanha, que representavam oficialmente seus respectivos Governos.

Eleição do novo Geral dos Padres Dominicanos — No domingo de Páscoa, no Angelicum, de Roma, depois de assistirem a Santa Missa rezada por S. Eminéncia o Cardial Piazza, e de terem recebido a bênção do Santo Padre, reuniram-se os 107 capitulares, representantes de 9.000 dominicanos, espalhados pelo mundo inteiro em 36 províncias, para eleger o sucessor do Pe. Suárez, tragicamente desaparecido no desastre de automóvel de Salses, nos Pirineus, em 30 de Junho de 1954. A eleição recaiu sobre o Pe. Miguel Brown, irlandês, que é o 81º sucessor de São Domingos no governo da Ordem dos Pregadores. Nascido em 1887, foi professor de filosofia e teologia dogmática e moral, depois reitor magnífico do Angelicum, de 1932 a 1941. Mestre dos palácios apostólicos, desde 13 de Janeiro de 1951, é o quinto dominicano que passa deste cargo ao de Mestre

Geral da Ordem. Membro das pontifícias academias de São Tomás e da Imaculada, é autor de vários trabalhos filosóficos e teológicos.

O Santo Padre o Papa Pio XII honrou o capítulo geral de sua eleição com uma carta autografa, endereçada ao Pe. Terencio Mc Dermott, datada de 25 de Março, em que recomenda vivamente fidelidade à doutrina tomista, para que, "com a máxima diligéncia conservem intacta e íntegra a doutrina católica, como é proposta pela Igreja, defendendo-a, com ânimo invicto e armas oportunas, contra as investidas dos erros que surgem". Unindo à caridade à ciência, concordando a vida com o ensino ministrado, tenham sobretudo a peito "a devida obediência, baseada nos motivos inconcussoes e sempre válidos que nos fazem ver a Deus mesmo nos superiores. Pois a desobediência, doença peculiar de nossos tempos, dissipá as energias e torna languidas e estériles as iniciativas Geral da Ordem Membro das pontifícias academias de São Tomás e da Imaculada, e vocação ao Rosário e SSmo. Nome de Jesus.

ENSINO DO CATECISMO — Paris (França) — O primeiro Congresso Nacional do ensino religioso se realizou em Paris, nos dias 15, 16 e 17 de Abril, com grande sucesso. A sala, que comportava apenas mil pessoas, foi pequena demais para conter as duas mil e trezentas que vieram, apesar das inscrições terem sido encerradas antecipadamente.

Esse sucesso mostra claramente o impressionante trabalho que há dez anos vem sendo feito no domínio do ensino religioso e demonstra especialmente que a opinião pública está agora consciente da gravidade e da importância do problema da catequese. Os católicos que, até então, o tinham deixado em último lugar, estavam convencidos de que a responsabilidade comum e essencial de dar o ensino religioso devia ocupar o primeiro.

Foram conclusões do congresso:

- 1 — O ensino religioso deve ser também dado aos adultos;
Em todas as etapas da educação,
Com as adaptações necessárias a cada idade;
- 2 — O ensino religioso não forma um conjunto fechado em si mesmo, mas,
Pede a cooperação dos pais, da escola, da Ação Católica;
É uma responsabilidade dos adultos e de toda a comunidade cristã.
- 3 — No momento atual os alunos das escolas públicas não podem receber instrução religiosa suficiente.

SANTOS FUNDADORES CELEBRADOS NO MES DE AGOSTO

Santo Afonso Maria de Liguori — 2-8 — Nasceu em Marianella, perto de Nápoles, em 1696. Em 1732 fundou a Ordem do SSmo. Redentor, com a finalidade de Missões populares. Seu Instituto foi aprovado em 1749. Em 1762 foi sagrado Bispo de Santa Agata dos Godos, a que posteriormente renunciou. Morreu em 1787, a 1.^o de agosto, em Nocera del Pagani. Canonizado em 1839, proclamado Doutor da Igreja em 1871. Também as Redentoristas o consideram como Fundador.

Beato Pedro Julião Eymard — 3-8 — Nasceu em 1811, em La Mure, diocese de Grenoble, a 4 de Fevereiro. Em 1834 ordenou-se sacerdote, pertencendo ao clero secular. Entrou para a Congregação dos Irmãos Maristas, em 1839. Em 1845 fundou a Ordem Terceira de Maria. Em 1856 fundou a Congregação dos Padres do SSmo. Sacramento, aprovada em 1863, ano em que principiou a fundação das Servas do SSmo. Sacramento. Faleceu em 1868, em La Mure, a 1.^o de Agosto. Beatificado por Pio XI, a 3 de Agosto de 1925.

São Domingos de Guzman — 4-8 — nascido em Calahorra, Espanha, em 1170. Em 1207 fundou a Ordem dos Pregadores, na França, para combater a heresia dos Albigenses, tendo por armas o Rosário de Nossa Senhora e a pregação. Viu sua Ordem aprovada em 1216, morrendo em Bolonha, em 1221, elevado à glória dos altares em 1234. Há diversas Congregações femininas filiadas à Ordem de São Domingos.

São Caetano da Thiene — 7-8 — Nasceu em Vincenzia, Itália, em 1480. Ordenou-se sacerdote em 1516, devotando-se ao cuidado dos doentes. Aprovada sua ordem em 1524, morreu em Nápoles, a 7 de Agosto de 1547. Canonizado em 1671.

Santa Clara — 12-8 — Nasceu em 1193. Discípula de São Francisco de Assis, que a constituiu abadessa em São Damião, primeiro convento das Clarissas. As "Damas Pobres" foram aprovadas por Gregório IX. Morreu Santa Clara em 1253, a 11 de Agosto, e foi canonizada em 1255.

São Jodo Eudes — 19-8 — Nasceu em Rye, Orne, em 1601. Em 1625 era Padre do Oratório. Em 1643 deixou o Oratório, para fundar a Congregação dos Religiosos de Jesus e de Maria, chamados comumente Eudistas. Iniciador do culto litúrgico dos Corações de Jesus e Maria. Em 1644 fundou a Congregação de Nossa Senhora do Refúgio (Bom Pastor), para as arrependidas. É um dos mestres da escola francesa de espiritualidade. Morreu em 1680, em Coen, a 19 de Agosto, sendo canonizado em 1925.

São Bernardo de Claraval — 20-8 — Nasceu, em Fontaine-lès-Dijon, em 1090. Em 1112 se fez monge cisterciense, levando para o claustro muitos parentes e amigos. Em 1115 fundou Claraval, tornando-se o primeiro abade do celebre mosteiro. Grande contemplativo, e de extraordinário zélo e atividade apostólica. Morreu em Claraval, a 20 de Agosto de 1153, sendo canonizado em 1174.

Santa Joana Francisca Frémicot de Chantal — 21-8 — Nasceu em Dijon, em 1572. Em 1600 enviuvou, mãe de vários filhos. Em 1610 principiou, em Annecy, a fundação da Ordem da Visitação, sob a direção do seu pai espiritual, São Francisco de Sales. Morreu em Moultins, em 1641. Canonizada em 1787. Modelo em todos os estados de vida.

Santa Joana Elizabeth Bichier des Ages — 26-8 — Nasceu em 1773. Fundou, com Santo André Hubert Fournet, as Filhas da Cruz, chamadas Irmãs de Santo André, em São Pedro de Maillé. Morreu em 1838, em La Fuye. Canonizada em 1947.

São José Calazans da Mãe de Deus — 27-8 — Nasceu em Aragão, em 1550. Em 1596 foi para Roma, onde fundou uma congregação religiosa para a instrução gratuita das crianças pobres. Em 1614 sua instituição foi unida à de São João Leonardo, formando os Clerigos Regulares Pobres da Mãe de Deus, para as escolas pias. Morreu em Roma, a 25 de Agosto de 1648, sendo canonizado em 1787.

Santo Agostinho — 28-8 — Nasceu em Tagasta, África, a 13 de Novembro de 354. Converteu-se do maniqueísmo em 380, graças às orações perseverantes da mãe e às instruções de Santo Ambrósio. Batizado em 387, em Milão. Em 391 voltou à África. Quatro anos depois foi eleito à sé episcopal de Hipona, igreja que governou até a morte, em 430, quando faleceu a 28 de Agosto. Sua Regra (grande trecho de uma carta às religiosas que fundara), é a base da Regra de diversas Ordens e Congregações Religiosas:

"Não é uma palavra vã, nem vazia de influjo vital, o dizer-se que eles não só foram, mas que continuam sendo nossos Fundadores".

NOSSA BIBLIOTECA DE FORMAÇÃO TEOLÓGICA

Durante vários decênios dos séculos 18 e 19 era frequente julgar-se que, para ser santo, o cristão devia evitar o conhecimento aprofundado dos dogmas da fé; apregava-se, em consequência, uma piedade muito simples, baseada exclusivamente nas fórmulas do catecismo e da crença popular. A razão disto é que a Teologia da época, de certo modo afetada pelas idéias de Kant e dos racionalistas, muitas vezes depunha, antes do que realçava, o conteúdo das verdades reveladas; tornara-se formal e seca, tornando, para muitos seminaristas, o aspecto de um obstáculo a vencer para chegarem ao sacerdócio.

Deu-se, porém, a reação no seio da Teologia mesma, em prol de um estudo do dogma mais baseado nas fontes da Revelação e, por isto, mais vital. Desde então (já em meados do século passado) a Santa Sé vem, com insistência crescente, inculcando a oportunidade de boa formação teológica para nutrir uma autêntica vida cristã. Hoje em dia, isto é evidente aos Religiosos em particular: mais profundo

conhecimento de Deus e das coisas de Deus é apto a suscitar mais ardente amor ao Senhor e aos valores sobrenaturais, portanto oração mais nutrida, observância regular mais esmerada. A este título, pois, formação teológica é algo que interessa não sómente o Religioso sacerdote — pastor de almas ou ensinante, — mas também (embora Iota das exigências explícitas do Direito Canônico), o Inílio converso e a Religiosa.

Atendendo a isto, as autoridades eclesiásticas têm criado cursos de formação teológica, não apenas para Religiosos, mas também para Religiosas, como se deu, por exemplo, em Roma e em algumas dioceses do Brasil. Da sua parte, correspondendo a tais estímulos, Religiosos e Religiosas por vezes pedem informações a respeito de uma bibliografia teológica capaz de os ajudar no seu estudo.

Gracas a Deus, na produção literária dos últimos anos não faltam obras que satisfazem ao quesito. Eis algumas das que mais se poderiam recomendar.

THEOLOGIA DOGMATICA E MORAL

INITIATION THEOLOGIQUE, par un groupe de théologiens. 4 vols. Paris. Editions du Cerf, 1952 (I, II, III). 1954 (IV).

Como diz o prefácio da obra, estes tomos se destinam a círculo relativamente vasto de leitores:

- Seminaristas e jovens Religiosos escolásticos, aos quais a "Initiation théologique" deseja servir não em lugar dos manuais habituais de Teologia, mas ao lado destes;
- Religiosas: "a emancipação da mulher em todos os setores exige um aumento de sua cultura; o desenvolvimento atual do estatuto regular das monjas e das Religiosas ativas deve, pois, comportar para-

"lamente um desenvolvimento da sua cultura teológica" (I, 10);

- Os leigos de certa cultura: "é uma espécie de injúria... querer... dar aos leigos uma espiritualidade de certo modo adaptada à sua mediocridade espiritual e à sua ignorância" (I, 11).

Os autores (equipe numerosa, de orientação tomista) propõem-se oferecer uma visão sucinta e profunda do dogma e da moral cristã, deixando de lado questões sutis que não tenham significado para a vida e pertençam mais aos bastidores das escolas teológicas.

O plano foi executado com sucesso.

No primeiro volume, em dezoito capítulos são estudadas as fontes da S. Teologia e seu respectivo valor: a S. Escritura e as diversas manifestações da tradição cristã — os Padres da Igreja, a Liturgia, o Direito Canônico, os símbolos de fé, os concílios ecumênicos, a arte sacra. A este tomo estão anexas tabelas muito valiosas, entre as quais se destaca a cronologia completa do Antigo e do Novo Testamento, assim como da História da Igreja e da História Universal; bem sabemos quão importante é, em qualquer setor de estudos, localizar indivíduos e acontecimentos em seu respetivo espaço e tempo; a experiência, porém, ensina não ser fácil encontrar tabelas sinóticas que o permitam!

Os três outros volumes seguem a disposição dos tratados como se acham na Summa Teológica de S. Tomás.

O tomo segundo (12 capítulos, 569 páginas), portanto, trata de Deus Uno e Trino, da criação, dos anjos e do homem (elevação e queda original) bem como da Providência de Deus. Particularmente dignos de nota são os dois capítulos dedicados, respectivamente ao problema do mal e à "oitava da criação" (narrativa e interpretação do Genesis; teologia do cosmos); as conceções teológicas explanadas neste último inciso levam plenamente em conta as mais modernas teorias científicas concernentes à origem do mundo e da vida.

O terceiro tomo apresenta a Teologia Moral (S. Teol. II), considerando a Deus como Fim de toda a criação. O prefácio justifica a inserção da Moral em meio à Dogmática: tem a vantagem de realçar o

caráter, ao mesmo tempo, especulativo e prático das verdades reveladas; com efeito, o que os fiéis creem, exige expressão na vida quotidiana dos mesmos, assim como a vida do cristão, até nos mais simples dos seus atos, pode ser considerada sob a perspectiva da vida íntima de Deus, do mistério da Ssma. Trindade, de que os fiéis são portadores. A Moral cristã não significa simplesmente a resposta ou a volta do homem a Deus que se sucede à criação do homem por Deus, mas importa primariamente a continuação daquela obra de Deus no homem que se iniciou na criação: a noção da graça, e da graça como participação da natureza divina (cf. 2 Pdr. 1,4). Está na base do código ético cristão. A Moral, portanto, há de ser estudada em intimo contacto com a Dogmática, para que não se reduza a um catálogo de preceitos, para que não venha a insinuar o aspecto de depauperação do cristianismo que assusta a tantos dos nossos contemporâneos (1).

Em 19 capítulos (1.278 páginas) o terceiro tomo explana a bem-aventurança final do homem, assim como os hábitos bons e maus que a ela dizem respeito. O volume termina com uma tabela das Ordens e Congregações Religiosas masculinas existentes na Santa Igreja, apresentando breves dados históricos de cada uma e a visão do seu estado presente (páginas 1.204-1.219).

O quarto volume (14 capítulos e 985 páginas) considera a "Dispensação da salvação", isto é, Jesus Cristo (Encarnação e Redenção), Maria Ssma. e a Igreja, os sacramentos, a segunda vinda do Senhor. Mais uma vez, chamam a atenção os quadros sinóticos que este tomo apresenta; merece destaque o chamado *Estatuto hie-*

1) — E' o que o Santo Padre Pio XII, notava num discurso recente feito à Federação Mundial das Juventudes Femininas Católicas (abril de 1952):

"Confondant le christianisme avec un code de préceptes et d'interdictions, les jeunes ont le sentiment d'étoiffer dans ce climat de "morale impérative", et ce n'est pas une infime minorité qui jette par dessus bord "le bagage grec" (Acta Apostolicas Sedis 44 (1952), 413).

rárquico das "Igrejas", em que cada confissão religiosa cristã é recenseada com as suas principais notas históricas e doutrinárias. Não se poderia deixar de mencionar outrossim o "Pequeno Dicionário Teológico", que encerra o volume.

Os autores, nos quatro tomos, tiveram o cuidado de fazer seguir aos seus capítulos um apêndice de "Reflexões e perspectivas", em que problemas da vida cristã e da vida profana atual são apresentados e encaminhados para a sua solução autêntica.

Bibliografia abundante, bons índices remissivos e gravuras artísticas concorrem ainda para tornar fácil e agradável o uso da obra.

Em suma, "Initiation théologique" veio preencher a contento uma lacuna na bibliografia religiosa moderna. Seu grande mérito está em propor princípios teológicos e guardar sobriedade quanto às conclusões (estas, por vezes, são controvertidas entre as escolas); tal método convida o leitor a tomar nova e mais profunda consciência das verdades da fé e habilita-o a ponderar a importância própria de cada uma das proposições da Teologia.

Oxalá possa tão valiosa obra encontrar em nossas comunidades religiosas um tradutor ou uma tradutora, a quem o público de língua portuguesa se tornaria certamente credor de profunda gratidão!

SAGRADA ESCRITURA

A) INTRODUÇÃO GERAL

INITIATION BIBLIQUE, publiée sous la direction de A. Robert et A. Tricot. Paris. Desclée et Cie, 1^a edição 1938, páginas 834.

J. Steinmuller, INTRODUCCIÓN GENERAL A LA SAGRADA ESCRITURA. Versión castellana de José Alfredo Jolly. Buenos Aires. Desclée de Brouwer 1947, 558 páginas.

Quem procura desfrutar o conteúdo da Escritura Sagrada, fonte imprescindível do conhecimento dogmático e moral, não se poderá dispensar de considerar noções introdutorias; sem isto, o leitor, mesmo animado das melhores intenções, arrisca-se a ficar num entendimento superficial ou erróneo do Livro de Deus, passando de olhos fechados ao lado de verdades profundas e tropeçando diante de minúcias.

Ora, para facilitar essa tarefa, ocorre como obra de valor primacial a síntese de Robert e Tricot, que reúne estudos de vinte e oito colaboradores dentre os mais famosos exegetas franceses dos nossos tempos; pode-se dizer que é uma verdadeira encyclopédia introdutória na Sagrada Escritura, como se depreende do seu índice: inspiração e canon, história do texto sagrado; arqueologia bíblica, religiões pagãs que interessam os estudos bíblicos, introdução especial em cada um dos livros sagrados, etc. O plano não poderia ser mais completo.

Para levá-lo a término, os diversos autores tiveram que se restringir ao essencial. Em vista disto, souberam recolher os resultados mais recentes da exegese católica. Está claro que, para estudos especializados, a "Initiation biblique" já não seria suficiente; os autores, porém, não se descuidaram de indicar ampla bibliografia a quem deseje ulteriores conhecimentos.

Obra congénere à de Robert-Tricot é a síntese de Steinmuller, em sua língua original intitulada "A Companion to Scripture Studies", estudo que em boa hora conheceu a tradução espanhola acima referida. O autor é lente de Sagrada Escritura e língua hebraica no Seminário da Imaculada Conceição de Huntington, Long Island (N. Y.). O volume aborda menos aspectos de introdução bíblica do que o de Robert-Tricot. No índice final, leem-se os seguintes títulos de secção: Inspiração, Cánon, Texto e versões, Interpretação da S. Escritura, História da Exegese, Antiguidades

sagradas (um pouco de arqueologia bíblica), Geografia da Palestina. Não resta dúvida, os pontos essenciais de uma iniciação escriturística são todos considerados pelo autor, e desenvolvidos com clareza e competência. Steinmuller pode abordar os seus temas com maior riqueza de dados com mais informações e argumentos, do que

Robert e Tricot, os quais, em vista da amplidão do seu programa, tiveram que sacrificar muitas explicações à brevidade do estilo. E' o que faz que também a obra de Steinmuller apresente suas vantagens próprias.

Qualquer dos dois volumes será de grande utilidade para levar ao texto sagrado.

II: EXEGESE BÍBLICA

A experiência ensina que a leitura da Bíblia, por muito preparada que seja mediante estudos prévios, permanece obscura caso não se use de algum comentário do livro sagrado.

O comentário ideal é, sem dúvida, aquél que, após sólida explanação do sentido literal (o que se faz recorrendo à filosofia, à arqueologia, à história antiga, etc.), sabe igualmente apresentar o sentido religioso, o

significado ascético-místico, da Palavra de Deus. Não é muito fácil, porém, encontrar obras deste gênero: as que existem, muitas vezes não levam suficientemente em conta o aspecto humano do texto sagrado ou se demoram quase exclusivamente em questões de ciência profana e crítica. Todavia parece preencher os prérequisitos a coleção.

LA SAINTE BIBLE. Texte latin et traduction française d'après les textes originaux avec un commentaire exégétique et théologique, commencée sous la direction de Louis Pirot, continuée sous la direction de Albert Clamer. Paris, Letouzey et Ané, 12 cols., a partir de 1946.

Também uma equipe de colaboradores se associou na redação da obra. Cada um dos volumes apresenta o texto bíblico da Vulgata latina, a tradução francesa do original (hebraico, aramaico ou grego), e um bom comentário, que, de maneira sucinta, tanto trata das questões críticas como expõe o sentido teológico do texto. Os comentadores se esmeraram por resumir e aproveitar o que de bom se encontra em obras anteriores (Lagrange, Huby, Grandmaison, etc.); informam, portanto, sobre as opiniões correntes entre os exegetas antigos e modernos, e nas questões

controvertidas, proforam seu juízo com sabedoria, não raro com originalidade. Cada um dos livros sagrados é precedido de uma introdução especial. O conjunto da obra se distingue por estar bem em dia com os resultados da exegese católica contemporânea, sem por isto fechar os olhos ao valor sobrenatural da Palavra de Deus. O estilo não é nem técnico ou erudito demais, nem meramente popular; torna, pois, a coleção útil tanto aos especialistas como aos não especialistas em Sagrada Escritura. E' de desejar nparceça quanto antes o volume 12 (Exodo), que falta para inteirar a obra.

D. Estevão Bettencourt O. S. R.

